

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS
CENTRO DE TEOLOGIA E HUMANIDADES
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Beatriz de Fátima Santos Monteiro Maria

A INFLUÊNCIA CULTURAL DO TROPEIRO NO SERTÃO DO VALE DO ITARARÉ
Na cidade de Bom Sucesso de Itararé

Petrópolis

2019

Beatriz de Fátima Santos Monteiro Maria

A INFLUENCIA CULTURAL DO TROPEIRO NO SERTÃO DO VALE DO ITARARÉ

Na cidade de Bom Sucesso de Itararé

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História do Centro de Teologia e Humanidades da Universidade Católica de Petrópolis (UCP), como requisito parcial para o título de licenciado em História

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Oliveira

Petrópolis

2019

Beatriz de Fátima Santos Monteiro Maria

A INFLUENCIA CULTURAL DO TROPEIRO NO SERTÃO DO VALE DO ITARARÉ

Na cidade de Bom Sucesso de Itararé

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História do Centro de Teologia e Humanidades da Universidade Católica de Petrópolis (UCP), como requisito parcial para o título de licenciado em História

Alexandre Oliveira (Orientador)

Bruno Tamancoldi Muniz
(Coordenador)

Nota: _____

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alexandre Oliveira (UCP)

Profª. Me. Janaína Perrayon Lopes (UCP)

*Dedico esse trabalho a minha mãe
Aline, por todo amor e apoio*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pelo dom da vida. Juntamente a Nossa Senhora de Fátima, a quem fui consagrada assim que nasci na esperança de um milagre.

A minha mãe Aline, que nunca desistiu de lutar pelos meus sonhos. Apesar de todas as adversidades e diagnósticos equivocados. Ela persistiu, e sempre fez de tudo para que eu me sentisse confortável, em um mundo que eu certamente sofreria preconceitos. De modo algum, me deixou desanimar ou desistir. Sempre me incentivou a correr atrás dos meus sonhos, a ser independente, e o mais importante, nunca deixou faltar amor em minha vida. E hoje estou aqui, realizando nosso sonho por meio dessa graduação. Realizo com muito orgulho. Minha força nasceu da sua. Gratidão

A meu pai Fábio, que pode usar esse nome com muita honra, pois desempenhou seu papel brilhantemente. É um orgulho dizer que sou sua filha. A meus avós paternos, Josefa e Egon, que me acolheram, cuidam de mim, e me dão muito amor.

Aos meus bisavós. Abigail, Benedita, Juvenal e Vitório. Exemplos de vida que me moldaram como pessoa e me incentivam a seguir em frente. Com fé, humildade e coragem. Em especial a minha bisavó Benedita, fonte importante de minha pesquisa, uma inspiração.

A meus avós, José Pedro e Benedita. Vó, por todas as vezes que adoeci e desanimei. Você se dispôs a viajar mais de dezesseis horas de ônibus para estar presente cuidando de mim.

Aos meus tios Vicente e Conceição, que cuidaram de mim durante um ano, com toda dedicação e amor. Sendo ela, minha primeira professora, que me alfabetizou, quando as chances dessa concretização eram mínimas. Nunca desistiu de mim e me apoiou imensamente quando decidi estudar longe de casa.

A meus padrinhos, Lilian, Adilson, Janaína, Gerson, Lucinéia, Eunice e Paulo Costa. Meus pais do coração. Escolhidos por Deus para guiar meus passos no caminho do bem.

A professora Elaine Leite, que nos deixou subitamente no dia de ontem, agradeço pela paciência e pelos ensinamentos que me deu em Libras. Foi de extrema importância para meu crescimento pessoal e profissional.

A professora Fabiana, que cuidou de mim com toda dedicação na pré-escola. E a professora Célia que ministrou aula na quarta série do fundamental. Duas grandes mulheres que marcaram minha vida. Exemplo de profissionais.

A todos os professores da Escola Estadual Aparício Biglia Filho, em especial, aqueles que ministraram aula para mim. A meus mestres minha gratidão eterna (Em especial ao professor Admilson, a professora Inês, Jailton, Marcelo e sua esposa Eliana, Claudete, e Mariana Pinto)

A meus amigos, Larissa, Kelly, Soline, Bruna, Carine, Gabriele, Leonardo, Loize. Obrigada por terem compartilhado seus dias escolares comigo. Que seja para vida toda.

A equipe do hospital Pequeno príncipe, em Curitiba – Paraná. Em especial a doutora Dulce, minha ortopedista. Também agradeço imensamente ao doutor Rodney, pediatra, doutora Denise, fisioterapeuta, e doutor Antônio Carlos, neurologista. Sem os cuidados médicos que empregaram a mim não chegaria onde estou hoje. Também agradeço a APAE da cidade de Itararé.

Agradeço também a Ana, Maria, Néia e a Zenaide que cuidaram de mim com todo zelo e amor, nos primeiros anos de minha vida.

A todos os funcionários da Universidade Católica de Petrópolis, principalmente aos porteiros e zeladores que sempre atendem com um sorriso no rosto e muita simpatia.

Ao coordenador do curso de História, professor M. Bruno Tamancoldi. Obrigada por ter recebido tão bem minha mãe e eu em 2015.2, nos apresentou a cidade e foi muito gentil conosco. Sempre se mostrou um coordenador prestativo e atencioso, e me ajudou com muita dedicação. Obrigada.

A todos os professores e professoras que ministraram aula para mim. Obrigada pela valiosa contribuição. Em especial ao meu orientador, o professor Dr. Alexandre Oliveira.

A todos os entrevistados (as) que contribuíram imensamente para a confecção desse trabalho.

Agraço de maneira especial a Kelly Caroline, companheira de turma, amiga, irmã. Você foi um presente que Deus colocou no meu caminho. Que seja para a vida toda essa amizade.

Agradeço de maneira especial a Bruno Vaz, uma pessoa incrível que apareceu na minha vida em dois momentos muito divergentes. Ele me ajuda da melhor maneira possível e faz isso de coração, pois é uma pessoa muito iluminada. É um dos meus motivos mais importantes, e por isso, não poderia deixar de mencionar seu nome

A todos meus amigos de faculdade e de fora dela, que me auxiliaram nessa fase, estiveram presentes nas dificuldades e nas alegrias. Obrigada, Tayna, Juliana, Daniela, Veronica, Guilherme, Ingredy, Lucas, Isabela e Caroline. Cada um de vocês teve uma participação muito especial em minha vida, cada um de sua maneira. Obrigada.

Agradeço a dona Alaíde, dona Shirley que cuidaram de mim nesse período que estive em Petrópolis.

Cada homem é uma humanidade, uma história universal. (Jules Michelet)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo, traçar a história dos tropeiros, conceituando as relações sociais e culturais que eles levaram por grande parte do território nacional. Também será exposto o pensamento de dois autores e sua visão do que foi o Tropeirismo, como fenômeno político econômico e cultural. Além disso, iremos relacionar aspectos da cultura tropeira com as manifestações culturais exercidas pela população de Bom Sucesso de Itararé. Um município que teve a sua história diretamente ligada com nesse fenômeno. Inclusive utilizaremos fonte oral para determinar a realidade da população. Iremos abordar a relação de memória, historiografia e oralidade.

Palavras-chave: Tropeirismo. Memória. História regional. História oral

ABSTRACT

The present work has the objective of tracing the history of the tropeiros, conceptualizing the social and cultural relations that they took by a great part of the national territory. Also will be exposed the thought of two authors and their vision of what Tropeirismo was, as a political economic and cultural phenomenon. In addition, we will relate aspects of the stall culture with the cultural manifestations exercised by the population of Bom Sucesso de Itararé. A municipality that had its history directly linked with this phenomenon. We will even use oral sources to determine the reality of the population. We will address the relationship of memory, historiography and orality.

Keywords: Tropeirismo. Memory. Regional history. Oral history

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. TROPEIRISMO, LINHA DO TEMPO ACERCA DE UM PASSADO GLORIOSO	14
2. A RELAÇÃO DA VISÃO DO TROPEIRO POR JOSÉ ALÍPIO GOULART EM SUA OBRA <i>TROPAS E TROPEIROS NA FORMAÇÃO DO BRASIL 1961</i> E 26 JAE LSON BITRAN TRINDADE EM SEU LIVRO <i>TROPEIROS 1992</i>;.....	26
3. A INFLUÊNCIA TROPEIRA EM BOM SUCESSO DE ITARARÉ	33
3.1 HÁBITOS ALIMENTARES	37
3.2 MÚSICAS E DANÇAS TÍPICAS.....	39
3.3 FESTAS TRADICIONAIS.....	43
3.4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA REGIONAL DO VALE DO ITARARÉ	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
6. ANEXOS	52

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresentará o tropeirismo; juntamente da figura do tropeiro. Não somente como homem de negócio e comerciante de animais. Esta figura notável, desbravou os campos do Sul, região pouco conhecida pela coroa Portuguesa. Atravessou fronteiras do Tratado de Tordesilhas em busca da colônia, e assim, manifestou a sua cultura, e transmitiu os seus costumes pelo território Brasileiro. Primeiramente farei a apresentação do tropeiro por meio de uma linha temporal demonstrando sua história desde seu início até sua decadência, meu segundo capítulo será sobre essa trajetória. Relacionarei com a cultura local da cidade de Bom Sucesso de Itararé, em São Paulo. O pequeno município localizado no sudoeste Paulista foi colonizado pelos gaúchos e tropeiros, há mais de um século. Pretendo analisar as particularidades culturais que vieram com os tropeiros, que foram cruciais para a formação de uma identidade particular, compartilhada apenas pelos munícipes. Há poucos registros históricos na igreja local, que constituem o acervo paroquial. Fotos e a tradição oral constituem a fonte deste trabalho. Além disso, tratarei de comentar a visão do tropeiro tendo como base bibliográfica primária dois autores, José Alípio Goulart e a sua obra *Tropas e Tropeiros na formação do Brasil* 1960, e Jaelson Bitran Trindade com a obra *Tropeiros*, 1992. Para realizar a pesquisa sobre a influência do tropeirismo no sertão do Vale do Itararé, especificamente na cidade de Bom Sucesso de Itararé, é necessário entender o fenômeno do Tropeirismo. Ele pode auxiliar a explicar o surgimento da cidade, e esclarecer os processos culturais exercidos pela população.

No primeiro capítulo irei discorrer rapidamente sobre a história dos tropeiros, desde o início das atividades até sua decadência. A importância econômica será abordada de forma sucinta, o que eu pretendo nesse trabalho é traçar a rota cultural que esses homens deixavam, principalmente na cidade de Bom Sucesso de Itararé. Antes de iniciar o conteúdo, gostaria de conceituar algumas palavras-chave importantes para o entendimento o texto.”Segundo o dicionário de conceitos históricos de Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva:

O conceito de cultura é um dos principais nas ciências humanas, a ponto de a Antropologia se constituir como ciência quase somente em torno desse conceito. Na verdade, os antropólogos, desde o século XIX, procuram definir os limites de sua ciência por meio da definição de cultura. O resultado é que os conceitos de cultura são múltiplos e, as vezes contraditórios. O significado mais simples desse termo afirma que cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos, até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento apreendido, de modo independente da questão biológica (...) Nesse

sentido Bossi afirma que cultura é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos as novas gerações para garantir a convivência social (...) Tal definição dá a cultura um sentido muito próximo do ato de educar. Assim sendo, nessa perspectiva, cultura seria aquilo que um povo ensina aos seus descendentes para garantir sua sobrevivência (SILVA, SILVA, 2013)

No trecho acima os autores explicam o conceito de cultura e como ela possui várias definições. A cultura de determinado povo é o alicerce para o futuro, mesmo que essas tradições sejam praticadas sem o plano de promover a consciência histórica futuramente. Esse conceito servirá como base para o desenvolvimento da escrita pois é um termo completo. Conceituando essas palavras podemos dispor de uma base para a leitura do trabalho. É importante que o historiador consiga “se fazer entender”. Identidade é outro conceito indispensável, pois o tema do trabalho trata diretamente da formação da identidade regional. A identidade cultural é aquela que partilha a mesma essência com diversos indivíduos. Claude Dubar afirma que a “identidade nunca é dada, é sempre construída” (Dubar, 1997, p. 104).

Segundo Jacques Le Goff, “a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas”(LE GOFF,1988) Segundo o Dicionário de Conceitos Históricos “A memória é o alicerce da História, confundindo-se com o monumento, documento e oralidade. A História se interessa pelo fato e a memória, pelo ser”(SILVA, SILVA, 2013, p 20)

Mas a memória não é apenas individual, na verdade, a forma de maior interesse para o historiador é a memória coletiva, composta pelas lembranças vividas, pelo indivíduo, ou que lhe foram repassados, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, de um grupo. O estudo histórico da memória coletiva começou a se desenvolver com a investigação oral. Esse tipo de memória tem algumas das características bem específicas: primeiro, gira em torno quase sempre de lembranças do cotidiano do grupo, como enchentes, boas safras ou safras ruins, quase nunca fazendo referência a acontecimentos históricos valorizados pela historiografia (SILVA, SILVA, 2013, p 276)

Nesse trecho, podemos observar, que os autores esclarecem o termo de memória coletiva. Claramente, outros autores divergem desses termos apresentados acima. Alguns autores como Michel Pollak¹ apresentou o argumento de que a memória é um elemento construído por momentos. Exemplo:

¹ Nasceu em Viena, Áustria, 1848, morreu em Paris em 1992, Sociólogo, pesquisador no Centre *National de la Recherche Scientifique* – CNRS. Sua área de interesse, era a relação da política e das ciências sociais, tema da sua tese de mestrado, foi orientando de Pierre Bourdieu.

As eleições; os vencedores, vão moldar os acontecimentos, construir uma imagem soberana, que construirá a memória das pessoas. Fazem isso consciente ou inconscientemente. A memória também pode ser seletiva. Escolhendo o que quer lembrar e passar para as futuras gerações, ou simplesmente esquecendo. O estudo histórico na memória coletiva, iniciou-se com base na investigação oral. Como a cidade demonstrada no presente trabalho não possui uma vasta produção acadêmica sobre sua História, irei dispor de quatro entrevistados. Eles, como descendentes de tropeiros, irão contar como se deu a ocupação do território com a chegada dos mesmos, que tipo de trabalhos realizavam, e qual era as atividades de lazer que eles dispunham. Ou seja, para abordar a cidade mencionada, irei dispor de fonte oral. “Porém, é importante salientar, que nem todas as respostas podem ser medidas somente partindo do pressuposto da História oral”, (ALBERTI, 1996, p 1). As pluralidades que podem ser encontradas são diversas. Um termo que Alessandro Portelli ² utiliza ao observar a forma que em elas são divididas dizem respeito ao pensamento de que “Estamos lidando com uma multidiplidaridade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou outra, ideológica e culturalmente moldadas” (PORTELLI, 1996, p.106)

Pollak também discute a memória dominante e a memória dominada. Por exemplo, a memória dos dominantes (nazistas) foi suplantada pela memória dos dominados, a memória da resistência passou a ser considerada memória oficial. É muito interessante o fato da memória ser dividida ideologicamente. A memória e a história oral já foram criticadas, por serem uma fonte pouco confiável, porém a memória passou a ser base de estudos e fonte de questionamentos sociais. Hoje, temos a consciência, que as fontes consideradas “oficiais”, também podem conter erros.

Claramente a história oral não se sustenta sozinha como disciplina, “ela se constitui com um conjunto de técnicas, um método para a pesquisa, histórica e o tratamento dos documentos. E como um conjunto de técnicas, ela pode ser abordada por diferentes abordagens históricas” (SILVA, 2013, p 187). Robert Frank escreve considerando a história oral como “história objetiva da subjetividade”. Isso é, o pesquisador deve ir além da história do acontecimento, ele deve se aprofundar nos impactos desses acontecimentos nos dias atuais e na vida daquelas pessoas. É isso que vamos tentar esclarecer mais adiante.

² É um estudioso italiano de literatura e cultura norte-americana, historiador oral, escritor do jornal “*il manifesto* e musicólogo”. Ele é professor de literatura anglo-americana na Universidade de Roma La Sapienza.

Porque o conhecimento do passado dito objetivo não basta para explicar o presente, sendo preciso acrescentar-lhe o conhecimento da percepção presente do passado. Esse “presente do passado” é precisamente a memória e o estudo acadêmico dessa última permite melhor compreender a identidade que ela tem por função estruturar. (FRANK, 1992, p 67)

O trecho acima, nos mostra que a história oral é muito abrangente, podemos identificar a constituição na memória do presente e do passado. Segundo Verena Alberti³ a visão de Frank é muito mais expressiva. Pois ele entende a memória como fato, ou seja, possível de ser objetivamente estudado. A consideração da pesquisadora Verena é que a história oral, “torna representações em fatos” (ALBERTI, 1996, p 5), transformando a oralidade em “acontecimentos”. O propósito é considerar que a história oral pode tomar forma, quem sabe se transformar em tradição. O presente vai sendo forjado por esses métodos historiográficas, assumindo moldes palatáveis para pesquisas futuras na área.

Porém, a preocupação com a memória chamou a atenção da comunidade acadêmica. Portanto, houve uma campanha para a revalorização da memória dessas regiões. “Existe, ainda, em favor do crescimento de interesse pela história local, a postura historiográfica que valoriza a história a partir da informação prestada pelo próprio agente. Os programas de história oral têm reforçado a história local” (CORRÊA, 1992, p 188).

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989. 4).

Essa narrativa diversificada permite descrever o que está ao redor do observador: a praça da sua cidade, o nome das ruas, o santo padroeiro. Tudo pode ser explicado pelas palavras dos indivíduos que foram testemunhas oculares de tal feito. Considerando memória, cultura, identidade e fonte oral, podemos extrair indícios das tramas sociais, conforme os depoimentos coincidem e as fotografias e jornais indicam a possível veracidade da fonte. E

³ É licenciada e bacharel em História pela Universidade Federal Fluminense (1983), mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988), doutora em Teoria da Literatura pela Universität Gesamthochschule Siegen, Alemanha (1993), e pós-doutora em Ensino de História pelo Institute of Education da University of London (2009). É professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na área de Métodos e Técnicas de Ensino de História

assim cria-se a possibilidade de uma historiografia escrita em prol da comunidade e do conhecimento científico e histórico.

Antes de mais nada, convém lembrar que as entrevistas, como toda fonte histórica, são pistas para se conhecer o passado.¹ No caso da história oral (como em muitos outros), as pistas são relatos do passado, surgidos a posteriori, portanto.² O passado existiu independente dessas pistas, mas hoje só pode existir por causa delas e de outras. Assim, se dizemos que a narrativa, na história oral, acaba constituindo o passado, isso não significa que o passado não tenha existido antes dela. Esquecer essa diferença é tomar a narrativa, ou as narrativas, como a própria realidade, ou as realidades. E quando se opta pelo plural é porque se conclui que todas as narrativas são “válidas” – melhor dizendo, são “versões” – e que não cabe ao pesquisador julgá-las. É claro que é interessante conhecer diferentes versões sobre um acontecimento ou situação. Mas seria bom não nos contentarmos em colhê-las, assim como não basta compilar artigos de jornal ou acórdãos de um tribunal, por exemplo, para dar conta um acontecimento ou conjuntura do passado. (ALBERTI, 2003, p 2).

A confecção do trabalho foi um aprendizado. Como a autora mesmo destaca em sua obra, a fonte oral é uma maneira de conhecermos a realidade da pessoa, passado e presente, cabe perguntar o que podemos aprender especialmente com elas. O que podemos levar dessas entrevistas para além da pesquisa acadêmica. É exatamente essa linha de pesquisa que eu pretendo seguir. Uma história humana, que visa os conhecimentos do passado e do presente. A história local da região referida neste trabalho é singela, não abrangente as questões do presente. Iremos destacar as mudanças que ocorreram com certas tradições tropeiras, e onde elas se encontram hoje no cenário local.

1. TROPEIRISMO, LINHA DO TEMPO ACERCA DE UM PASSADO GLORIOSO

“A memória tropeira resistirá enquanto o cincerro tilintar no pescoço da madrinha, indicando a direção certa para o conhecimento da história universal”

Esse trabalho pretende analisar a importância do tropeirismo para o crescimento econômico do Brasil durante os séculos XVII, XVIII, XIX E XX. De fato, o tropeiro movimentou a economia e foi responsável pela fundação de cidades importantes. Sabe-se que a cada parada das tropas, eram formadas vilas e mais tarde, cidades. A cidade de Itararé era um desses pontos de parada das tropas. Quadros retratam essa realidade. Alguns, foram pintados por Jean-Baptist Debret⁴, um dos principais pintores do Brasil Império. Algumas dessas obras, retratam a passagem que separava os dois Estados, e os acampamentos feitos na sua cercania. Essa passagem marcava o término dos campos verdes de pastagem. Com a utilização das pinturas como artifício visual, consegue-se apontar a presença dos tropeiros na localidade. Para entender a chegada dos tropeiros na região, precisamos entender, o que foi, e como iniciou o trabalho do tropeiro.

Na primeira metade do século XVII ocorreu o descobrimento de metais preciosos na América Hispânica, principalmente na região da Argentina e do Uruguai. Os espanhóis começaram a extração de metais preciosos, segundo José Hamilton Ribeiro, “utilizando lhamas e escravos nativos como cargueiros, mas estes, não serviam por muito tempo, pois sua fisionomia frágil não permitia viagens a longas distâncias” (RIBEIRO, 2001). Precisavam de um meio para se locomover rapidamente pelas colinas e caminhos pedregosos.

Nessa procura, chegaram a uma vila, que hoje corresponde a cidade de Córdoba, na Argentina. Pela região, havia uma abundância de cavalos e muares (mulas). Lá os padres Jesuítas, que vieram da Espanha para realizar missões e catequizar, se estabeleceram e fundaram várias fazendas, as “estâncias Jesuíticas”. A partir de 1610 os padres da Companhia de Jesus, com a autorização do rei da Espanha, deram início ao processo de evangelização dos indígenas que habitavam a margem esquerda do Rio Paraná. Porém os padres criaram províncias indígenas para além desse território. Uma das mais importantes regiões era A

⁴ Jean-Baptiste Debret (Paris, França 1768 - idem 1848). Pintor, desenhista, gravador, professor, decorador, cenógrafo. Frequentou a Academia de Belas Artes, em Paris, entre 1785 e 1789. Referência do neoclassicismo francês. Após a queda do imperador e com a morte de seu único filho, Debret decide integrar a Missão Artística Francesa, que vem ao Brasil em 1816.

*Província del Guairá*⁵. Os jesuítas iniciaram seu trabalho missionário na região norte daquela província, ultrapassando as linhas destinadas por lei para os espanhóis. Naquela zona viviam os índios guaranis e os coroados, ou *Kaigang*⁶. Segundo Trindade “Eles foram os primeiros a conhecerem a doutrina cristã e, a serem catequisados. Vários povoamentos, identificados com nomes religiosos, foram formados então, tais como os de “Nossa Senhora da Encarnação”, “Jesus-Maria”, “Sete arcanjos” (TRINDADE, 1992, p 18). No ano de 1620 os padres já haviam fundados uma dezena de aldeamentos. Nessas doutrinas tinham múltiplas funções no trabalho agrário, tanto para os colonos, como para os nativos. O mais importante pode ser considerado a criação de muars. Os territórios do Uruguai e do Rio Grande do Sul se tornaram grandes exportadores de animais.

Em meados de 1620 os jesuítas haviam formado uma dezena de assentamentos, estavam se expandindo na região sul. Esse processo foi bruscamente interrompido por volta de 1628, a partir da invasão de gente armada vinda da Província de São Paulo. Os paulistas organizados em tropas, foram denominados bandeirantes⁷. Eles invadiram as reduções que na época reuniam mais de 60 mil pessoas. Eles fizeram prisioneiros, principalmente indígenas, e os venderam como escravos para engenhos no sudoeste e no nordeste brasileiro. As reduções ficaram vazias e a única coisa que restou foram os animais. Esse gado que constituía então a maior riqueza das missões se dispersou e se procriou.

Tão patente que ninguém classifica de ousada, embora seja evidencia. Ei-la: de fato a criação de imensos rebanhos de gado se fazia nos descampados platinos, constituindo a fonte de renda das não pequenas populações hispano-americanas dessas regiões, proporcionando-lhes o poder aquisitivo e o nível de vida. Sem que essa mercadoria fosse produzida, vendida e consumida, não haveria nenhum núcleo de colonização hispano-americana, no baixo Paraná, no Prata, ou no Uruguai. Isso quer dizer que se não fosse o Ouro brasileiro, não teríamos o Vice reinado do Prata, com Buenos Aires, Uruguai, Entre Rios, Corrientes, Paraguai (...) Foi a renda de Muar que constituiu a grande fonte de renda para essa imensa região. (Junior, Elis Júnior. Revista da História, volº1, 1950).

⁵ Os Padres Jesuítas fundam em 1607, a Província Jesuítica do Guairá, onde os jesuítas estabeleceriam as primeiras missões jesuíticas, sendo a primeira delas fundada em 1610, chamada *Nuestra Señora de Loreto*. Essas missões prosperam, chegando ao total de quinze em todo o território que hoje compõe o Estado do Paraná. Porém passam a ser alvo dos paulistas, que utilizavam a mão de obra do índio, e em 1628, a principal bandeira comandada por Raposo Tavares dizimou o Guairá, destruindo as missões e levando os índios como mão de obra para São Paulo

⁶ Os *kaigangues* estão entre os mais numerosos povos indígenas do Brasil. Falam uma língua pertencente à família linguística Jê. Sua extensão territorial já correspondeu a zona do Rio Tiete – São Paulo, até o Rio Ijuí – Rio grande do Sul.

⁷ No século XVII, expedições organizadas no povoado de São Paulo, na capitania de São Vicente, as chamadas *bandeiras*, avançaram pelo interior em busca dos metais preciosos, e de índios para apresar e vender. O principal alvo dos bandeirantes paulistas interessados no apresamento indígena foram as missões dos jesuítas espanhóis no sul. Onde se encontrava um grande número de índios. Nessas investidas, os bandeirantes se beneficiaram da facilidade de contato entre as colônias sul-americanas durante a reunião das coroas ibéricas, assim como da ausência dos colonizadores espanhóis, também interessados na escravização indígena.

É importante salientar que a ciclo do ouro na América Hispânica já havia entrado em decadência no ano de 1630. Esse território foi transformado então, em um imenso celeiro de animais. Bois, cavalos e principalmente as mulas eram fundamentais para o transporte e o funcionamento da economia das regiões mineradoras, como Minas Gerais e Mato Grosso. E das regiões açucareiras e cafeicultoras do Sudeste do país. Foram essenciais, para a economia brasileira durante os séculos XVIII, XIX, e primeira metade do XX. Segundo Alfredo Elis Junior ⁸ “talvez a estrada do Rio Grande do Sul a São Paulo tenha sido a rota de maior importância na história do Brasil, pois sem ela não teria havido ciclo do ouro, não teria havido café, e nem a unidade nacional teria sido levada a cabo”. (ELIS, JUNIOR, 1950, p 133). A capitania de São Paulo que abrangia de Sorocaba a Curitiba, possuía fazendeiros que comercializavam seus animais. Porém, essas manadas que saíam da região de Curitiba não eram suficientes para manter o mercado que crescia cada vez mais. As atenções se voltam para o extremo sul do país. Segundo Jaelson Bitran Trindade, “Todos possuíam conhecimento das grandes estâncias Jesuíticas que os Espanhóis possuíam ” (TRINDADE, 1992, p 14). A imensidão de pasto, dos “pampas” repletos de animais, cavalos, bovinos e as mulas.

A mula necessariamente possuía um valor maior de interesse. Estas “bestas” como são chamadas pelos criadores, são animais híbridos, nascem do cruzamento de uma égua com um burro. Conseqüentemente são estéreis. Porém, são animais inteligentes e ágeis, características essenciais que demonstram resistência e força. Outra qualidade que podemos expressar é a exímia passividade e equilíbrio. Por esse motivo era comercializado a um preço muito alto, pois ela poderia caminhar por terrenos insalubres, carregando muito peso, por longas distancias sem se cansar. O governo Português também se interessava nos impostos que esses animais iriam gerar para a coroa. Como eram peças valiosas, os impostos corresponderiam a tal importância. Uma carta-régia foi enviada ao rei Dom João VI, sobre a abertura de um caminho de São Paulo ao Sul.

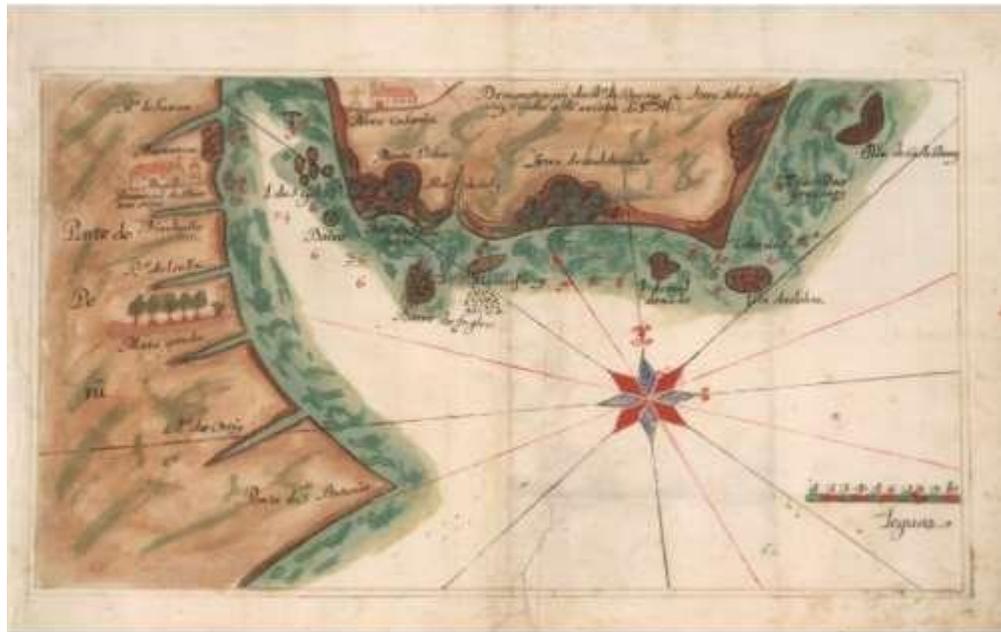
Dom João por graça de Deus Rei de Portugal, Brasil e Algarves (...) Faço saber a vós Antônio da Silva Caldeira Pimentel. Governador da Capitania de São Paulo, que se viu a Conta que me destes em carta de dezesseis de Julho do ano passado sobre a abertura da estrada de São Pedro do Sul para esta Cidade: Me pareceu agradecer-vos o elo com que tendes mandado abrir esta estrada, e que se espera a mandei continuar até se findar, e do mais que houver neste particular (...) (Documentos Interessante, vol XXIV, p 32)

⁸ Historiador, sociólogo, ensaísta e professor universitário brasileiro. Sua pesquisa está relacionada com a história de São Paulo. Ele aborda a economia, política e questões sociais, sempre voltada a cidade ou ao estado de São Paulo.

No que consta nas cartas ao rei de Portugal que estão descritas no livro de Goulart, ele estava ciente da movimentação no Sul do país. Nos anos de 1720 um rico fazendeiro dos Campos Gerais, o paulista Bartolomeu Pais de Abreu ⁹ insistiu nessa ideia de abrir uma estrada no “sertão” que ligaria São Paulo a Viamão. Conseguiu apoio do rei e a partir de 1725 os campos de Viamão eram alcançados. Em 1728 outra expedição partiu de Viamão com destino a Vacaria. Lá encontraram imensos campos abertos e uma quantidade enorme de animais. O Caminho de Viamão, incorporado ao antigo trecho Sorocaba – Curitiba. Essa seria, “definitivamente, a grande estrada boiadeira do Brasil Colônia” (TRINDADE, 19992, p 9). Em 2006, foram localizados um conjunto de dez mapas atribuídos a Bartolomeu Paes de Abreu. Nesses mapas, de 1719, ele retratou o caminho que fariam no Estado de São Paulo até os campos do sul. Denominado Demonstração da costa desde Bueno Ayres, até A Vila de Santos. Os documentos estão arquivados na Biblioteca Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro. Na imagem a seguir podemos analisar a pintura que Bartolomeu Pais de Abreu elaborou para demonstrar o caminho que os tropeiros iriam seguir posteriormente. Foi de extrema importância os detalhes que este realizou em sua obra, pois conseguiu atingir seu objetivo, que era guiar os viajantes que estavam a desbravar o sul do país.

⁹ Bandeirante e explorador, nascido em Ilha Bela – São Paulo. Foi alvo de perseguição política em seu estado. Fugindo tempos depois. Quando voltou percorreu o estado de São Paulo

Imagem 1: Demonstração da costa desde Bueno Ayres, até A Vila de Santos.



Fonte : Biblioteca Nacional do Brasil: Bartholomeu Pays de Abreu, 1719

A consolidação desse caminho aconteceu em 1732 com a passagem da primeira tropa de animais e dos primeiros tropeiros. Uma figura importante foi Cristovão Pereira de Abreu¹⁰, rico comerciante Português, foi o chefe da primeira tropeada. “Durante um ano ele permaneceu no planalto estudando a rota e fazendo um reconhecimento do terreno” (TRINDADE, 1992, p 14). Considerado como “o primeiro tropeiro”, junto de mais 60 homens partiram levando consigo uma manada de 500 cabeças, essa viagem foi de extrema importância, para se avaliar o melhor caminho a ser utilizado. Junto de seus homens, construiu pontes e abriu estradas. Após a viagem “teste” ser um sucesso, voltou a Viamão e tornou a Serra para Curitiba, acompanhado de 130 homens e tocando cerca de 3.000 cabeças de mulas e cavalos. Seu feito foi muito importante para a coroa de Portugal, em um momento em que as divisas territoriais das colônias hispânicas e portuguesa não estavam estabelecidas. Mesmo após a sua morte em 1755, seu nome foi lembrado historicamente como o homem

¹⁰ Surge na história de Portugal e do Brasil, rico negociante que participou ativamente do desbravamento e da ocupação portuguesa no sul do território Brasileiro. Ele era um nobre fidalgo português, da família do Condestável Nuno Álvares. Emigrou ainda solteiro para o Rio de Janeiro, por volta de 1700. Aos 42 anos arrematou, em leilão promovido pelo Rei, o monopólio de couros do Sul do Brasil, pagando o imposto anual de 70.000 cruzados. Transformou a Colônia do Sacramento no maior empório mundial de comércio e contrabando de couro ao exportar 500.000 peças por ano.

que inaugurou um novo modelo de vida, o tropeiro nasceu daquele evento pioneiro. Carta de Bartolomeu de Abreu a El-Rei

Senhor – Do Porto de Santos, até Laguna, última povoação da comarca dessa cidade se S. Paulo, fazem ser cento e vinte léguas pela costa do mar, e se acha nove vilas, que há muitos anos estão povoadas (...) Adiante da Alaguna buscam as serranias da costa o interior do sertão, e abeiram campos as praias até o Rio Grande, que se estende a confinar com cidade do Sacramento da Nova colônia, que ainda estão por povoar, e só habitadas essas terras por gentios bárbaros; e será a distância de cento e cinquenta léguas da Alaguna até a colônia. Toda essa campanha do Rio Grande para diante produz gados, vacuns, e cavalgaduras em muita quantidade (...) Acho – me com talentos e cabedais para, com forças de um avultado corpo de armas, fazer entrada ao Rio Grande sem a menor despesa da fazenda real, talar aquele vasto sertão e abrir caminho pelo centro dele, ademandando o rumo da comarca de São Paulo (...) (Documentos interessantes, vol XVIII, p 25)

Essa carta aponta para o propósito de Abreu em povoar essas áreas em que iriam passar as tropas. Após o primeiro caminho, conhecido como Viamão, outros dois caminhos foram abertos. O Caminho de Vacaria dos Pinhais, a rota clássica do Tropeirismo. E por último o caminho de Almas ou Estrada das Missões, aberto no século XIX. Os tropeiros se adequaram a novas rotas. Precisavam de opção para o escoamento de mercadoria. O Caminho Tradicional, ou caminho de Vacaria foi aberto quando a necessidade em expandir os negócios em torno do charque e do couro se acentuaram. No início do século XIX, o caminho de Viamão começou a ser abandonado. Os muares por ali encontrados já não supriam o mercado em expansão. Quando o Caminho do Sul se encontra com Vacaria, o caminho de Viamão foi abandonado de vez. Na imagem a seguir podemos observar os caminhos que os tropeiros utilizaram por três séculos no objetivo de escoar sua mercadoria.

Imagem 2: Caminho das Tropas



A imagem acima, retrata os caminhos que as tropas percorreram pelos séculos XVII, XVIII e XIX. Ambos os caminhos ofereciam perigos para os tropeiros. Os índios coroados kaigangs eram violentos, muitos ataques resultaram em mortes de tropeiros e nativos. Segundo o livro “Os tropeiros – o diário da marcha”¹¹ de José Hamilton Ribeiro¹², que foi confeccionado a partir de um documentário produzido pelo Globo Rural em 2001. “O tropeiro andava armado, preparado para matar”. A violência entre os grupos causou um genocídio indígena¹³ no oeste catarinense. O último caminho a surgir foi a Estrada das Missões.

¹¹ O Globo Rural recriou uma jornada de tropeiros em uma série exibida de 16 de julho a 1º de outubro de 2006. A série sobre os tropeiros foi lançada em DVD e em fascículos, nas bancas de jornal, e rendeu um livro: Os Tropeiros - O Diário da Marcha, da Editora Globo, no qual José Hamilton Ribeiro relatava o cotidiano da tropeada e os bastidores das reportagens.

¹² José Hamilton Ribeiro (1935). Começou no jornalismo em 1955, trabalhando como redator na rádio Bandeirantes (SP). Logo passou a atuar na imprensa escrita, no extinto jornal O Tempo, ainda em 1955, e, em seguida, na Folha de S.Paulo, em junho de 1956.

¹³ Segundo José Hamilton Ribeiro, os índios kaiguangues e guaranis ocupavam uma extensa faixa, desde o Rio Grande do Sul, até o Paraná. Com o avanço da colonização, eles recuaram ao interior do estado, porém não conseguiram desviar do caminho dos tropeiros. Em 1808, o príncipe regente Dom João VI pensando na segurança das tropas, declarou guerra ao que ele chamou de “bugres que infestavam a região”. Várias famílias indígenas da tribo Guarani e kaiguangues foram aprisionadas, os índios remanescentes continuavam a resistir.

Segundo Trindade, os índios Kaigangs que viviam na região que hoje seria a cidade de Guarapuava, no Paraná, foram “pacificados”, com o surgimento desse novo caminho. Por fim, o centenário Caminho de Viamão foi abandonado. Porém esse novo caminho não alterou o fluxo do caminho do sul. Ambos representavam uma boa alternativa para a comercialização das tropas.

O tropeiro é o dono da tropa, aquele que vende e comercializa seu produto. Ele escolhe os homens capazes de ajudá-lo em sua empreitada. A visão do tropeiro pela sociedade ainda é muito mistificada. “A imagem do tropeiro ficou por muito tempo associada ao homem negociante de animais, um “homem rústico” adaptado às andanças pelas estradas e sertões, simbolizando um elemento aventureiro e rural. No entanto, o tropeiro era na sua maioria um comerciante abastado devido ao lucro obtido com as porcentagens sobre as mercadorias que negociava. Não raro eram proprietários de grandes cabedais investidos em bestas, mercadorias, títulos de crédito, sem mencionar as várias tropas aos cuidados de arrieiros de confiança
“(GOULART, 1961, p. 113).

Além de ser uma atividade econômica como afirma os autores Alfredo Ellis Júnior, Goulart e Trindade, o tropeirismo também significou a criação de núcleos sociais autônomos e nômades. Em que uma hierarquia era seguida. O Tropeiro, tinha função de chefe e comandante da expedição, pois ele empregava capital e era quem decidia o rumo da viagem. Lá eram vendidos para serem utilizados como animais de carga. Segundo José Alípio Goulart, “A tropa de muares a qual estamos estudando, tinha uma característica específica, que a definia dentre os demais grupos de cargueiros (...), consistia em fazer o comércio de transporte” (GOULART, 1961, p. 64). Ele nos mostra através de seu livro que a tropa não pertencia a nenhum produtor, como os outros cargueiros. A tropa era de propriedade do tropeiro, ele viajava procurando negócio, alugando seus serviços e vendendo seus animais. A tropa também possuía uma configuração única de formação. As mulas viajavam soltas, como o gado. Na frente marchava a égua madrinha¹⁴ com um cinorro, conduzindo a tropa, que a obedecia. As tropas deveriam marchar sempre em linhas, ou quadrilhas, para não perder a marcha e o ritmo. Dependendo das estradas, elas eram conduzidas uma por uma. Além do tropeiro, a comitiva dispunha de peões assalariados e escravos de confiança, que o auxiliavam na marcha.

Nessa resistência foram massacrados pelos colonizadores portugueses.

¹⁴ Égua que serve de guia à tropa já acostumada a ela. Tem em seu pescoço um cinorro, a cujo som os demais animais seguem. É conduzida pelo madrinheiro, peão que a cavalga seguindo na frente da tropa

As tropas de mulas, levavam de 400 a 900 cabeças, as vezes mais, O número de homens empenhados nesse serviço variava, conforme o tamanho da tropa, entre 7 e 10 cavaleiros. Até o século passado, a dificuldade em obter alimentos nos grandes trechos desertos como a estrada da mata ou o sertão de Palmas, adiante de Guarapuava, obrigava os tropeiros a andarem armados e muito bem municiados de mantimentos: cada tropa dispunha de 3 a 5 cargueiros. Para revezar na estrada, levavam umas 40 ou 60 mulas de montaria. Na ida até o Rio Grande, o tropeiro ia acompanhado de peões de confiança, seus camaradas. Na volta, acrescentava mais 5 ou 6 homens, assalariados lá nas bandas do Sul. (TRINDADE, 1992, p, 58)

Todo o cuidado empregado a esses animais correspondia ao valor de cada um deles. “Cada mula, equivalia ao preço de dez bois” (RIBEIRO, 2001). Nessa rotina, um intercâmbio econômico e social era feito. Goulart aponta em sua obra que eles possuíam uma “rede” de comunicação com várias vilas. Propiciando assim, a manutenção de um comércio entre elas, posteriormente criando-se freguesias. Segundo Trindade

Entre 1776 e 1770, dentro de uma estratégia de consolidação do caminho, foram estabelecidas s povoações de Santo Antônio do Registro (Depois Lapa) e de Santana do Iapó dos Campos (depois Castro), como freguesias e, no percurso entre os Campos Gerais e no Rio Pelotas, a vila de Lages. Ao Sul de São Paulo, entre Sorocaba e o rio Itararé, as vilas de Itapetininga e Itapeva da Faxina. (TRINDADE, 1992, p 52)

Podemos observar, quanto ao consenso dos autores, visando a participação econômica indispensável para o crescimento do Brasil, que eles foram se adequando aos caminhos, cuidando de seus produtos e propiciando essa relação entre a povos do Sul com o restante do Brasil. Alguns tropeiros alcançaram a sonhada fortuna, e com ela vinha as responsabilidades de lidar com a política regional. As influências que esses homens dispunham levaram a concessão de títulos nobiliárquicos por parte da coroa. A figura de João da Silva Machado, Barão de Antonina, e seu sócio António da Silva Prado, o Barão de Iguapé, grandes negociantes de animais na região dos Campos Gerais ¹⁵que ascenderam socialmente. A aristocracia alcançou o tropeirismo, pois esse revertia lucro para a coroa. O valor de impostos pagos nos transportes era muito grande. Por essa razão, segundo Trindade “Centenas de animais eram contados e recontados todos os dias, a fim de que o comércio ilegal e o tráfico de animais não sucedesse”. (TRINDADE, 1992, p 24). A questão política foi intensamente

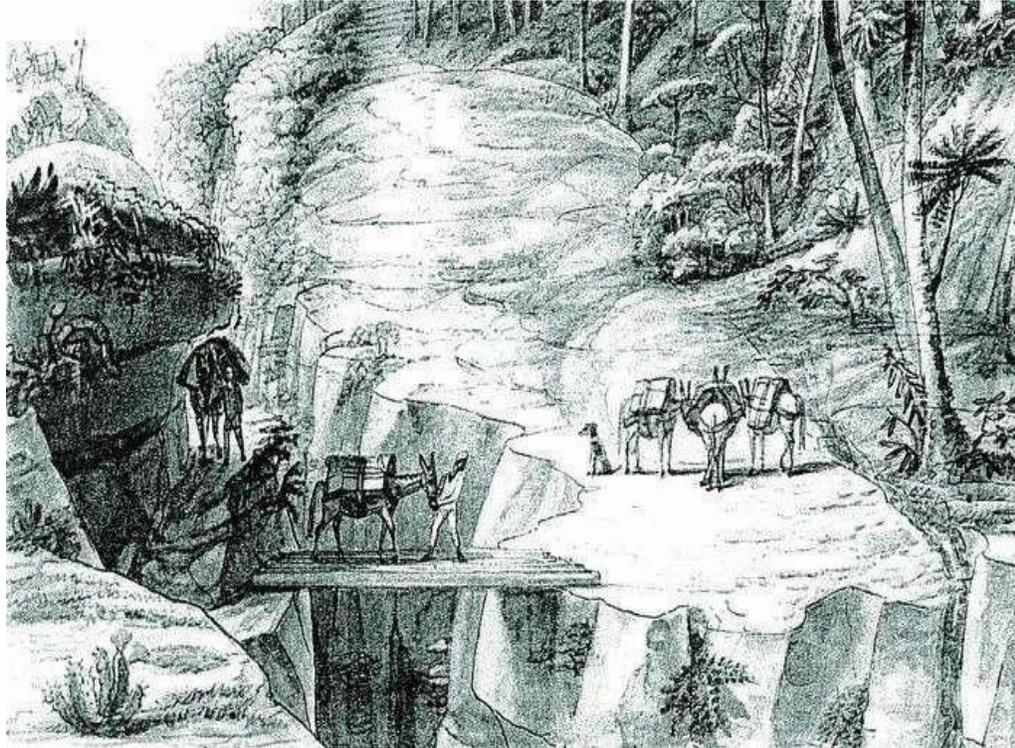
¹⁵ No século XVIII, essas terras eram passagem de inúmeros rebanhos de gado, principalmente de mulas, e tropeiros, que percorriam o Caminho do Viamão, desde o Rio Grande do Sul até as feiras de São Paulo. O antigo fluxo desses viajantes exerceu fundamental importância na formação cultural e econômica do Paraná, uma vez que a partir das idas e vindas dos tropeiros começaram a surgir aldeias, que se transformaram em vilas e, por fim, cidades.

influenciada pelos tropeiros, que passaram a tomar conta do sistema econômico de toda região sul do país.

Os fazendeiros que enriqueceram vendendo mulas, foram honrados com títulos de nobreza. A maioria oriundos da região da Comarca de Curitiba. Além do Barão de Iguape e o barão de Antonina outros nomes se destacam; como, David dos Santos Pacheco, o Barão dos Campos Gerais. José Caetano de Oliveira, o Barão de Tibagi e Antonio de Sá Camargo, o Visconde de Guarapuava. Três homens importantes, oriundos de três pontos estratégicos do Estado do Paraná. Segundo Trindade, “os Campos Gerais se destacavam como principal centro pecuarista paranaense” (TRINDADE, 1992, p 8). De uma atividade econômica a uma atividade social e política sem precedentes. O poder e as influencias eram um aparato restrito da nobreza Portuguesa. No entanto, quando a circulação de riqueza passa a se popularizar em torno de um bem de consumo, a consequência é o crescimento social para a vanguarda do comércio de tropas. A região ascende na esfera geográfica de importância e requer um cuidado maior da coroa, tanto na deliberação de autonomia dos novos nobres, quanto na fiscalização das manadas e recolhimento de impostos. “Cada cavalo que vier vender fora desta Comarca, a esta cidade por parte do Rio Grande de São Pedro do Sul, e Curitiba, ou passarem por ela por negócio para se ir a vender a qualquer das Minas ou Rio de Janeiro, pagarão duzentos réis (Documentos Interessantes, vol XVI, p.47).

O governo inclusive, abriu incentivos em conceder sesmarias, para essa região, conhecida como “sertão” entre os municípios de Itapetininga e Itararé. Com uma nova nobreza em ascensão, a coroa esperava a habitação do local. Essas fazendas concedidas, estavam defronte à divisa do atual estado do Paraná é cercada por três rios, Itararé, Rio Verde e rio Pirituba. Essa região a qual hoje pertence o município de Bom Sucesso de Itararé foi o marco de passagem. Na imagem a seguir contemplamos uma das pinturas de Jean Baptist Debret, retratando a divisa dos estados de São Paulo e Paraná. O marco de passagem era a cidade de Itararé.

Imagem 3: Limite da província de São Paulo de Curitiba. Ponte sobre o Rio Itararé



Fonte: Jean Baptiste Debret, 1827

A imagem acima representa a passagem do Estado do Paraná para o Estado de São Paulo. Nesse ponto a viagem das tropas já estava chegando ao fim. Após as tropas chegarem a cidade de Sorocaba, onde eram realizadas as Feiras¹⁶, eram vendidos e remanejados para diversas localidades, Nordeste Brasileiro para ser usada nos engenhos de açúcar, São Paulo e Rio de Janeiro, acompanhando o ápice do setor cafeeiro. Pode-se afirmar que o tropeiro esteve presente quando a decadência atingiu o ciclo da cana de açúcar no século XVII.

Também esteve presente quando as Minas de Ouro se esgotaram no século XVIII.

O ouro foi o consumidor forçado do muar sulino. Depois, com o fim do ouro, o açúcar paulista, a Baixada Fluminense e depois de tudo isso o café, foram os grandes alimentadores do ciclo econômico do muar, o qual teve grande vigência até o terceiro quartel do século XIX. (JÚNIOR, 1950, p 76)

Quando o comércio do café surgiu, permitiu que o tropeiro permanecesse no mercado, até a crise do café em 1929, já no Brasil Republicano. No início do século XX, com a ascensão

¹⁶ A feira de muares de **Sorocaba** foi um evento do ciclo do tropeirismo durante o século XVIII. Foi o ponto de maior comercialização de muares do final do século XVIII até o final do século XIX no Brasil.

das elites paulistas e do setor cafeeiro, a imagem do tropeiro sofre uma redefinição. A nova elite agrária necessitava de heróis, que permitissem uma formação indentitária nos moldes deles. Portanto, a imagem do tropeiro e do bandeirante ressurgem no cenário da historiografia paulista.

Quando a linha férrea foi instalada, o comércio de tropas para transporte perde significado. Não obstante, o país permaneceu agrário, pois tendo em vista o incentivo do governo, principalmente na comercialização do café, os tropeiros se adequaram a nova realidade. Entretanto, nos fins do século XIX, as rodovias de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro põem fim a atividade comercial do tropeiro. Como analisa Alfredo Elis Júnior em seu livro *ciclo do luar*, 1950

O emprêgo do luar nesse intercâmbio só teve termo com o advento da ferrovia que aos poucos eliminou o velho transportador, o qual resistiu mesmo à rodovia, como a "União e Indústria" que empregava o cavalo, mais rápido do que o luar. Assim, em 1875 mais ou menos, a ferrovia estendendo-se por todos os quadrantes, eliminava o caro e enferrujado luar. Caro, porque o transporte pelo luar excedia 35 a 40 vezes o transporte ferroviário atual. Assim para que o preço de um produto não ficasse muito onerado, fazia com que a distância a do transporte fôsse decisiva em qualquer concorrência (JÚNIOR, 1950, 74).

Podemos apontar que o tropeiro esteve presente em muitas épocas importantes da nossa história. Participou ativamente da política e da economia dos Estados do Sul. Principalmente a região dos Campos Gerais do Paraná. Sua história atravessou séculos, se modificando pouco. E transportando na bagagem sua cultura gaúcha. No próximo capítulo vamos conceituar o tropeiro na visão de dois autores, que constituíram a fonte do nosso trabalho.

2. A RELAÇÃO DA VISÃO DO TROPEIRO POR JOSÉ ALÍPIO GOULART EM SUA OBRA *TROPAS E TROPEIROS NA FORMAÇÃO DO BRASIL 1961* E JAEISON BITRAN TRINDADE EM SEU LIVRO *TROPEIROS 1992*;

Entre os monumentos que lembram as gerações brasileiras os heróis da pátria, está faltando um; o do Tropeiro com seus camaradas e Cargueiros. (Goulart, 1961, p 13)

Neste capítulo iremos analisar os livros de Jaelson Bitran Trindade e de José Alípio Goulart, para criar um panorama sobre a figura do tropeiro, na visão desses dois autores.

Esse fenômeno sócio-cultural e político conhecido como tropeirismo nos ajuda a entender a economia brasileira durante três séculos. Após o primeiro capítulo, que introduzimos a história do tropeiro, desde o início, até a decadência da sua atividade, vislumbramos um país, que passa por várias modificações, internas e externas. Em 1732 o Brasil era colônia de Portugal. Em 1808 foi elevado a reino. Em 1822 veio a Independência. E em 1889 foi proclamada a República. Três formas de governo, com administração muito distintas. Porém, o tropeirismo permaneceu com as mesmas características e singularidades. Foi um sobrevivente das turbulências políticas e sociais. Nesse capítulo veremos as concordâncias e as diferenças na visão desses dois autores.

Jaelson Bitran Trindade é historiador, formado pela Universidade de São Paulo (USP). É doutor em História Social pela mesma universidade. Trabalha no IPHAN – Instituto do patrimônio histórico e artístico nacional. Algumas de suas obras mais importantes são:

Nas encruzilhadas da arte: o pintor Barradas, de Lisboa, 1998, *Patrimônio e História: a abordagem territorial*, 2010, *O Império dos Mil Anos e a arte do tempo barroco: a águia bicéfala como emblema da Cristandade*, 2010. Sua linha de pesquisa está intimamente ligada ao patrimônio histórico, artístico, arquitetura e cidades. Sua visão acerca das questões culturais deixadas pelos tropeiros dará enfoque aos monumentos e construções da época. Também destacará a oralidade como artifício para explicar a realidade. O livro *Tropeiros*, foi publicado em 1992 em parceria com a INCEPA - Indústria Cerâmica do Paraná – S.A¹⁷. Também colaborou, a Coordenadoria do Patrimônio Cultural da Secretaria do Estado da Cultura do Estado do Paraná.

¹⁷ Fundada em 1952, na cidade de Campo Largo, no Paraná, pela marca suíça Laufen a Incepa iniciou a sua jornada como fabricante de pisos cerâmicos, e em 1976 iniciou a fabricação de louças sanitárias. Atualmente, tem sede em Campo Largo, e Lapa, grandes cidades paranaenses.

A INCEPA é uma empresa que patrocina projetos culturais, que visam o patrimônio histórico e cultural da região. O diretor presidente, Augusto da Costa Ávila explica que o início do projeto não foi casual e momentâneo. A fazenda Santa Amélia, de propriedade da INCEPA, está localizada no município paranaense da Lapa, marco determinante na rota dos tropeiros. Seu antigo casarão construído no início do século XIX, foi restaurado e passou a ser sede da Casa de Memória Incepa, cujo projeto, desde a sua concepção, reservou um espaço para o abrigo de um acervo sobre o Tropeirismo. Segundo a secretária de Estado da Cultura do Estado do Paraná, prof^a Gilda Poli Rocha Loures

Tropeiro” é sem dúvida uma contribuição valiosa para reavivar a memória de um dos mais expressivos acontecimentos que marcaram a colonização e o desenvolvimento da região Sul do Brasil até o Estado de São Paulo, abrindo caminho para a expansão das regiões vizinhas (LOURES, 1992, p 9)

Pode-se afirmar que “a extensa pesquisa de Trindade traça um panorama de amplitude e profundidade inéditos na historiografia sobre o assunto, documentando com maestria e entusiasmo” (ÁVILA, 1992, p 9).

A Incepa, na comemoração dos seus quarenta anos de atividade no Brasil, publica o livro “Tropeiros” para festejar a data. Presenteando a toda comunidade, à memória nacional, e aos leitores em geral. Podemos afirmar que a obra “Tropeiros” é carregada de simbologias e emoções. É um projeto voltado para a comunidade em geral. Principalmente aquelas em que o tropeiro passou e fez morada. (ÁVILA. 1992, p 9).

O livro “Tropeiros” é uma obra narrativa e didática, facilitando a compreensão do texto pelo público em geral. Utiliza-se fonte oral, ou seja, dentro da narrativa, podemos encontrar inúmeros depoimentos de tropeiros, lembrando a vida nas estradas e as dificuldades que enfrentavam. A obra, aborda o tropeirismo como fenômeno político e econômico. Mas o objetivo principal é tratar do tropeiro, como indivíduo; da sua cultura e do patrimônio histórico e material que eles deixaram. O último capítulo do livro se chama “Corredor Cultural” um termo pertinente para esse trabalho, e de extremo significado para mim. Pois a cidade que será tratada neste trabalho, faz parte dessa concepção.

José Alípio Goulart é alagoano. Nasceu em 21 de março de 1915. Cursou direito até o segundo ano, após esse tempo, resolveu interromper. Cursou bacharelado em Administração pública, pela Escola Brasileira de Administração pública, da Fundação Getúlio Vargas. É considerado um dos maiores ensaístas da moderna geração brasileira. De sua autoria existem inúmeras obras em diversas áreas como história, administração pública e

agricultura. Entre elas estão: *Favelas do Distrito Federal*, (1957) *O cavalo na formação do Brasil*, (1964), *Brasil do boi e do couro*, (1965), *Da palmatória ao partíbulo: castigos de escravos no Brasil* (1971). Essas são algumas das obras que ele escreveu durante a vida. O livro específico *Tropas e tropeiros na formação do Brasil*, de 1961 constitui o número quatro, da coleção “Temas Brasileiros” que se publica na cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara. Esse livro específico foi produzido em memória de seu pai, que segundo o próprio autor é um “tropeiro” nas lidas que a vida lhe deu.

Ele utiliza de uma narrativa literária, seu objetivo é conceituar o Tropeirismo, seus costumes mais diversos como roupagem, apetrechos, pouso, costumes e tarefas, de uma maneira compreensível pelo público em geral. Sua fonte de pesquisa são documentos históricos e cartas, ofícios, certidões, provisões e decretos. O autor também utiliza diversas tabelas, com a finalidade de destacar a quantidade de animais, seu preço, ou, em algumas tabelas, a disparidade de preço dos animais em cada região. Ele se baseia nos textos de Alfredo Elis Júnior. Porém, sua visão literária, também carrega um romantismo em torno da imagem do tropeiro. Usando substantivos heroicas e sublimes para definir sua sina. Como se o trabalho do tropeiro fosse sagrado, de uma certa forma foi.

As cargas confiadas e ela eram religiosamente cuidadas; e as missões conferidas escrupulosamente cumpridas, sem o mínimo deslize, sem o menor descaso, sem o mais leve abuso, originando-se daí aquela confiança ilimitada que no tropeiro todos depositavam (...) sob sua exclusiva responsabilidade transportavam-se verdadeiras fortunas em produtos e mercadorias e movimentavam-se homens e animais. Até cargas de ouro e de pedras precisas desciam das minas para a costa entregues a tropeiros. (GOULART, 1961, p 198)

Portanto, esse romantismo consegue suplantar as questões indígenas e conflituosas. Para Goulart, o tropeiro foi um herói, sem máculas em sua história. Ele trabalha com as cartas da coletânea “Arquivos interessantes”. São cartas, ofícios, manuscritos, que estavam espalhados por diversas bibliotecas do estado de São Paulo. Dentre esses documentos, estão destacadas as cartas de diversos comandantes, governadores, e funcionários do Império Português, personagens importantes da história de São Paulo e do Brasil. A biblioteca digital da Universidade Estadual de São Paulo – Júlio de Mesquita Filho (UNESP), possui os direitos sobre os arquivos que estão abertos para consulta pública, pelo programa Memória Social.

Em 1894 Antonio de Toledo Piza, membro atuante na intelectualidade paulista da época, primeiro secretário eleito do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, fundado neste mesmo ano e então diretor do Arquivo do Estado de São Paulo, teve a idéia de começar a transcrever e publicar documentos manuscritos, sob a guarda do próprio Arquivo ou de prestigiosas famílias paulistas, que contassem histórias de São Paulo colonial. Desta sua iniciativa nasceu a Coleção, batizada por ele

próprio de Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo. O enorme volume de papéis, de naturezas distintas e temas variadíssimos, alguns originalmente manuscritos no final do século XVII e início do XIX e a maioria do século XVIII foram transcritos por uma equipe de paleógrafos coordenada por Toledo Piza e não eram casualmente interessantes. A escolha do que foi reunido em 95 volumes e que agora se torna acessível em suporte digital fez parte de uma escolha ideológica própria dos primeiros anos da instalação da República no Brasil, quando os estados para afirmarem sua autonomia recém conquistada, foram atrás de suas antigas histórias, especialmente aquelas que consideravam interessantes o suficiente para definir com brilho as suas identidades regionais. (MOURA, D, A.biblioteca.unesp. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/57>)

Goulart utiliza fontes oriundas das cartas e documentos. Trindade baseia-se em história oral e narrativa. Porém, em ambas as obras, iremos encontrar um referencial teórico de um grande historiador brasileiro, referência no estudo do ciclo do luar, Alfredo Elis Júnior¹⁸. Suas contribuições para a história do Brasil são importantes. A obra que trouxe grande influência para esse trabalho foi *o ciclo do luar* 1950. O pensamento de Júnior esteve muito presente nas obras de José Alípio Goulart e Joelson Trindade. E não é por acaso. Sua pesquisa em torno do tropeirismo abrange a economia e política quase que exclusivamente. Em um dos trechos de seu livro ele ressalta: “Êsse fenômeno que eu chamo "Ciclo do Luar", apesar de tão fartamente apreciado nas suas características, principalmente cronológicas, ainda não foi estudado nas consequências que projetou na vida brasileira, especialmente na evolução política do Brasil” (JÚNIOR. 1950, p 78).

Seu livro foi o ponto de partida para outros historiadores interessados no tropeirismo. É o referencial bibliográfico mais importante da sua geração. O primeiro conceito que ele concede é que o tropeirismo é um ciclo econômico e político, incontestavelmente de longa duração. Júnior também deixa claro a importância do mesmo para as relações comerciais do país e fora dele. Sua visão é pautada em questões políticas e econômicas. Utiliza-se de gráficos e tabelas para esclarecer sua tese. Porém, nossa análise partirá do pressuposto social. Conceito pouco abordado por Alfredo Elis Júnior. Ambos os autores, Trindade e Goulart retratam a sociedade rural brasileira e o segregarismo em que viviam os caboclos sertanejos

¹⁸ Historiador, sociólogo, ensaísta e professor, formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1917 e tornou-se promotor público. Foi deputado estadual de 1925 a 1930 e de 1934 a 1937. Participou do Grupo Verde-amarelo, colaborando na revista *Novíssima*. Combateu na Revolução de 1932. Em 1939, por concurso, tornou-se catedrático de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, da qual foi diretor de 1939 a 1941. Como historiador, preocupou-se principalmente com a história de São Paulo. Publicou um número considerável de obras, entre elas: *Raça de gigantes* (1926), *Populações paulistas* (1934), *Capítulos da história social de São Paulo* (1944), *Meio século de bandeirismo* (1946), *O café e a paulistânia* (1950). Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto de Estudos Genealógicos e da Academia Paulista de Letras, onde ocupou a cadeira 18.

no sul do país. E como, após a chegada dos tropeiros e de sua constante passagem pelos caminhos, levou ao desenvolvimento dessa região, propiciando a criação de uma sociedade heterogênea, inclusive houve o surgimento de uma elite abastada, e de uma fixação dos povos no sul do país. Suas concordâncias são em quase todos os sentidos. Goulart conceitua que “cada rancho de tropas que se formava, surgia nas imediações um ou outro morador, erguendo sua palhoça, acomodando criação, plantando milho” (GOULART, 1961, p 143). Os pousos do caminho dos Campos Gerais hoje são cidades populosas e conhecidas por serem potência na indústria agrícola e pecuarista. Goulart não se detém a estudar somente a estruturação da tropa. Goulart é ensaísta, possui inúmeras obras sobre equídeos e muares. Seu trabalho tem grande relevância nessa área. Ele esclarece pouco sobre as manifestações culturais deixadas pelos tropeiros. Ou seja, seu trabalho é mais voltado para o passado, sem trazer muita menção ao presente. Ele também se dispõe a esclarecer todas as características das tropas, a roupagem a alimentação, a música. Já Trindade, procura fazer uma comparação do passado com a atualidade. Deste modo, se diferenciam.

“O luar foi animal de transporte por excelência, e o Rio Grande do Sul, a terra do luar” (TRINDADE, 1992, p, 12). Os autores constatam que além de levarem o progresso ao país, eles formaram também um “corredor cultural”. A grande concepção dos autores é que os tropeiros formaram a identidade do sul do Brasil. Em proporções diferentes para cada estado. O Corredor cultural que Trindade discorre sobre é um território mais remoto, ele cruza quatro estados do Brasil, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Neste contexto, o tropeiro passa a ser definitivamente o sucessor do bandeirante, agora na sua atividade como viajante trazendo também para as regiões sul a hegemonia do novo centro. Enquanto Taunay ressalta para “o tropeiro” as características de adaptabilidade em ambientes hostis, Holanda afirma ser a capacidade de negociar a maior contribuição do homem tropeiro para o Brasil, difundindo dessa forma já as suas práticas capitalistas que colaboram para o progresso econômico no interior do país (CHIOVITTI, 2004, p. 363-4).

O corredor cultural é um caminho, por onde passavam os tropeiros, juntamente com toda bagagem que conduziam; material e cultural. Tradições, crenças e histórias, que foram passadas de geração em geração por meio da oralidade, e que agora, constituem a identidade de muitas cidades. Podemos perceber, que diversos autores destacam uma visão singular do tropeiro e da sua função. Mas destacam a adaptabilidade e a colaboração para o crescimento econômico do país. O *corredor cultural*, que Trindade conceitua em seu livro, é intimamente analisado como o modo de vida tropeiro, também chamado de campeirismo. Que por consequência dessa

integração de povos, principalmente de gaúchos e paulistas se espalhou, e formou um laço cultural, interligando toda região.

O Gaúcho, o peão a cavalo, a vida campeira do sul do país se disseminou, por via do tropeirismo, o elemento das suas culturas pela população com quem mantinha frequentes contatos e que tinham um modo similar de vida. Os traços comuns existentes nas populações dos campos do Rio Grande, Santa Catarina e Paraná, especialmente os relativos ao trajar, as expressões artísticas e artesanais (música, dança, artesanato de couro e ferro, arreios e facas), eram bastante pronunciados por volta da metade do século passado, quando os contatos inter-regionais atingiam grande intensidade, no extenso “corredor”, onde, além de serem criadas, transitavam e estacionavam tropas e mais tropas (TRINDADE, 1992, p, 145)

O corredor cultural foi disseminador da cultura gaúcha por todos os cantos brasileiros. Mas, específico, o caminho dos Campos Gerais até a chegada de Sorocaba, São Paulo. Onde as regiões de contato foram mais acentuadas. Temos em vista, que ambos os autores conceituam a intensa participação do gaúcho e do tropeiro, e sua colaboração para a formulação de uma cultura composta por diversas manifestações singulares, que permeiam até os dias atuais.

Também utilizam o termo “Herói esquecido”. É a afirmação que une as duas obras em um objetivo. Obstante a essa afirmação, tenho dito, que o tropeiro ainda é uma figura desconhecida e mistificada. Analisando as obras dos autores referidos, e lendo outras referências sobre o tema, chegamos a uma constatação. O corredor cultural passou por diversas modificações sócio culturais. Uma delas foi a chegada dos imigrantes holandeses em 1912. Justamente para construir a estrada férrea, que substitui totalmente a função das mulas e dos tropeiros. “Depois dos tropeiros, as cidades ainda tiveram influências culturais de imigrantes alemães, holandeses, italianos, japoneses, libaneses, poloneses e ucranianos, os quais fundaram diversas colônias existentes até hoje”. (*A diversidade cultural nos Campos Gerais. 2018*)

Assim sendo, houve a incorporação de diversas outras culturas, outrora a tradição tropeira sofreu modificações. Portanto, não foi esquecido, somente foi adequado a outras tradições, outros olhares, o que trouxe mudança. Não podemos tratar o tropeiro como herói esquecido, pois, ele se faz presente em todos os momentos, em todas as representações culturais. Deve-se investir na produção da historiografia sobre o tropeirismo, para esses fragmentos culturais sejam associados ao fenômeno, possibilitando a realização de pesquisa acadêmica. O tropeirismo mudou a geografia e a história do Brasil. Agora que temos a concepção do tropeiro pelos autores acima apresentado, vamos perceber essas características em uma cidade pequena, pouco conhecida, que foi intimamente influenciada por esses

homens e sua cultura sulista. Goulart é ensaísta, possui inúmeras obras sobre equídeos e muares. Para a formação do Brasil foram indispensáveis

3. A INFLUÊNCIA TROPEIRA EM BOM SUCESSO DE ITARARÉ

*Nesta viola, canto e gemo de verdade,
cada toada representa uma saudade,
eu nasci naquela serra, num ranchinho a beira chão,
todo cheio de buracos onde a lua faz clarão (...)
(...) Lá no mato tudo é triste, desde o jeito de falar
Pois o Jeca quando canta, dá vontade de chorar
(Tristeza do Jeca, Tonico e Tinoco, 1919)*

Nesse capítulo concederemos uma breve explicação de cada movimento cultural que existe na cidade de Bom Sucesso de Itararé, que pode ser considerado como herança do tropeirismo. Também será exposto como se deu a chegada do tropeiro na região e como se percebeu a relação cultural, vista pelos próprios moradores, por meio de relatos e entrevistas.

A cidade de Bom Sucesso de Itararé possui atualmente cerca de 3.923 pessoas, é um município majoritariamente rural, fica na divisa de São Paulo com o estado do Paraná. A economia é proveniente da extração de minérios como calcário e pela extração do látex oriundo do pinus, árvore característica do agronegócio brasileiro. A cidade é pequena, possui apenas duas escolas, uma municipal e outra estadual. Não sabemos ao certo a data de sua fundação como vila, sabemos que anteriormente a vinda dos tropeiros, Bom Sucesso era sertão e morada da tribo indígena dos kaiguangues. O critério essencial para a escolha dos entrevistados foi justamente a idade, os moradores mais antigos tiveram contato direto com esse passado. Uma das entrevistadas é filha de um dos colonizadores e me conta com alegria sua história de vida e o passado de sua família no Rio Grande do Sul. Foram entrevistadas trinta e quatro pessoas, busquei analisar a concordância entre as histórias e assim traçar uma direção para a pesquisa, cinco depoimentos foram introduzidos nesse trabalho justamente levando em consideração a paridade das entrevistas.

Primeiramente, precisamos entender como se deu a chegada dos tropeiros na localidade. Segundo Benedita Almeida Santos, o povoamento começou com a chegada de sua família, que veio junto dos tropeiros, na estrada que os mesmos abriram. “Meu pai José Bonifácio chegou nesse lugar com 16 anos, junto com o pai dele, Francisco Almeida Campos, não tinha nada aqui, Bom Sucesso era sertão” (SANTOS, 2017). A história dessa família oriunda do Rio Grande do Sul, é contada até hoje nas rodas de conversa. O avô da nossa entrevistada, era Francisco Almeida Campos, ele, e parte de sua família, fugiram da perseguição política na cidade em que viviam, Lagoa Vermelha – Rio Grande do Sul. Francisco Almeida Campos era político, vereador na cidade gaúcha. Segundo o livro *Nova história de Lagoa Vermelha*, de Fidelis Dalcin Barbosa “Francisco Almeida Campos foi

eleito vereador neste município pelo partido liberal, conquistando 80 votos ao todo” (BARBOSA, 1981, p, 7).

Essa é a única menção a seu nome em um trabalho acadêmico que se tem informação. Seu pai José Bonifácio veio com 17 anos do Rio Grande do Sul, junto a uma comitiva. “Eles passaram um tempo em Itapetininga e depois vieram para cá. Vindo de família pobre e humilde, a caravana dele veio fazer posse de terras em Bom Sucesso, cada um com uma quantia”. (SANTOS, 2015). Onde se situa a cidade agora era uma floresta de araucárias. Ao chegar aqui ele logo começou a trabalhar na roça, casou-se com Maria Antônia Ferraz e com ela teve filhos. Nesse período Bom Sucesso era bairro pertencente a Apiaí. “Essa cidade é uma das mais antigas da região do Vale do Ribeira, contando com seus 247 anos, foi uma cidade colonizada pelos tropeiros. Também se destacou como polo minerador, ouro era extraído de suas minas, gerando riqueza para a cidade” (MANCEBO, 2001, p 4). Nesse período meu pai foi ajudar a construir a estrada que liga Itararé a Bom Sucesso. Essa estrada foi aberta quebrando muitas pedras, um trabalho braçal que só contava com cavalos e homens. (SANTOS, 2015). Nesse mesmo período uma serraria veio interessada na madeira e no cal e se chamava Serraria Junqueira Mello. Nesse período foi feita a medição da antiga Fazenda Bom Sucesso, todas as fazendas no pé da serra foram medidas, essa serraria ajudou a terminar a estrada, e começou a desenvolver o bairro. O trabalho majoritariamente era oriundo da agricultura.

A Família Campos, Almeida, Rodrigues e Teixeira foram as primeiras famílias de Bom Sucesso e abriram espaço para outras se formarem. Guilherme da Costa Silva, também vindo do Rio Grande do Sul, era muito devoto de São João Batista, construiu uma capelinha e trouxe com ele uma medalha de São João, que até hoje é usada nas festas de nossa cidade. Conseguimos complementar nesse primeiro momento, a teoria dos autores apresentados. Que houve a interação de povos gaúchos e paulistas, e que estes, iniciaram um processo de aculturação.

As relações do comércio da cidade se deram pela criação e venda de animais, outra característica comum do tropeirismo. Conjuntamente, se deu pela provisão de alimentos oriundos da agricultura familiar, que na fundação da vila foi primordial para a sobrevivência dos mesmos. As relações culturais, sabemos que se iniciou com os primeiros habitantes nativos, os índios da etnia Kaingang. Quando os tropeiros chegaram, a cultura indígena sofreu um processo de hibridização, começando assim a formulação de uma cultura rica em

simbologias e tradições próprias. Para iniciar o desenvolvimento dessa pesquisa, iremos conceituar alguns verbetes essenciais para o entendimento da cultura tropeira:

Bruacas, s, f, (bras), Mala de couro cru, destinada ao transporte de objetos sobre cavalgadas.

Caboclo, s, m (bras), **Caboclo** é a designação dada no Brasil para o indivíduo que foi gerado a partir da **miscigenação de um índio com um branco**. Este nome também é usado para adjetivar a figura do homem do sertão brasileiro, que possui modo rústico e desconfiado.

Cangalha, s, f, (bras) Espécie de triângulo de madeira, que se enfia no pescoço dos porcos para não devastarem terrenos cultivados (...), armação que se coloca nos lombos das bestas em que se equilibra a carga de um lado e outro lado. Tropeirada, s, f, (bras), Grupo de tropeiros

Tropeiro, s, m, (bras), Condutor de tropas;(bras. do sul), o que conduz a tropa; aquele que negocia com tropas.

As terras dessa localidade eram posses, ou seja, não havia documentação com registros na época dos primeiros moradores. Sua ocupação se deu pelas características propícias à agricultura e a agropecuária. Em um dos depoimentos recolhidos podemos verificar esses indícios. De acordo com Benedita de Almeida Santos¹⁹, 96 anos “Bom Sucesso era sertão, as famílias chegavam e iam se apossando, fazendo sua casinha de sapé, sua lavoura” (SANTOS, 2017). Na primeira metade do século XX, a economia local era composta por atividades de subsistência, como a agricultura e a pecuária. A aquisição dos animais resultou em uma ampliação de renda no bairro, os pequenos pecuaristas de Bom Sucesso de Itararé puderam se inserir no mercado regional de venda de animais.

O principal produto de exportação era a carne de porco, e por vezes a carne de boi e a de frango. Os pequenos pecuaristas criavam animais durante vários meses, castravam o animal para o processo de engorda ser concluído rapidamente. E por fim, se preparavam para a viagem. “Se ela fosse a pequenas distâncias os animais eram levados a pé” (SANTOS, 2015). Os animais eram carregados, as bruacas eram postas ao lado, e a cangalha e as bruacas em cima do animal. Homens tocavam os animais em marcha lenta, até o local da venda. O ritmo desses, devia ser conservado estável, se este animal se movesse rapidamente e realizasse demasiado esforço, seu peso iria reduzir, fazendo com que este, perdesse valor de mercado. Naquele momento não existia estradas em Bom Sucesso de Itararé, os moradores

¹⁹ Agricultora, filha de campeiro, nasceu em Bom Sucesso de Itararé, seu pai, veio do Rio Grande do Sul justamente utilizando o caminho de tropas

contavam apenas com algumas trilhas no interior da mata, abertos primeiramente pelos índios e sumariamente pelos tropeiros, que levaram para as cidades de Apiaí, Itararé e Itapeva.

Os produtos eram vendidos ou trocados na cidade grande. Na volta eram transferidos mantimentos essenciais para a alimentação; como sal, açúcar e café. Os únicos alimentos que não eram produzidos pelos agricultores locais. “As viagens chegavam a demorar de duas semanas a dois meses, alguns tropeiros chegavam a ficar doentes com a mudança do clima, e por fim muitos homens morriam”. (SANTOS. 2016). Além das mudanças climáticas, havia o perigo dos ataques de animais selvagens, de índios entre outros perigos encontrados em mata fechada.

Antes mesmo de falar de Bom Sucesso de Itararé, devemos falar da cidade de Itararé, que foi um pouso estratégico nos séculos passados, pois ficava localizado na divisa dos Estados que separava os Campos Gerais do Paraná do sertão de Itararé. Esse se estendia até Itapetininga. Segundo Trindade:

Itararé era um pouso, onde os tropeiros poderiam invernar, passar longos tempos descansando. Perto das áreas de pastagens ficavam as estações ferroviárias. Assim os tropeiros poderiam telegrafar para a família, avisando da chegada e procurando notícias. Eles já estavam inseridos no núcleo de distribuição de animais, então o pouso de Itararé servia como descanso prolongado e recuperação de animais (TRINDADE, 1992 30)

Itararé teve uma importância muito grande para a historiografia regional. Considerada “Rota do Tropeiros” ela preservou muitos objetos, e muita história, que é contada até hoje pela população, que preza a continuidade e a preservação da memória regional. Todo ano é realizado um encontro de tropeiros, ex tropeiros, e da população em geral, com a finalidade de homenagear esses homens, fundadores da cidade de Itararé. A propósito, o deputado estadual João Caraméz (PSB), foi autor da Lei 14.078/2010, que deu o nome de "Caminho Paulista das Tropas" à rodovia SP 259, a rodovia que transpassa a localidade. A cidade de Bom Sucesso de Itararé, foi distrito de Itararé, conseguindo sua emancipação através de plebiscito no dia 27 de outubro de 1991. Lavrou-se a criação do município pela Lei nº7.664 de 30 de dezembro de 1991. Após a emancipação política, a cidade se consolidou como pequeno polo do agronegócio.

3.1 HÁBITOS ALIMENTARES

Muito além de desbravar novas terras, os tropeiros foram criadores de receitas que até hoje fazem parte da culinária rural, dando ênfase a famosa culinária mineira. Podemos afirmar que em todos os lugares em que os tropeiros passaram receberam influência direta na sua cultura, e em sua culinária.

O almoço era simples. O cozinheiro esquentava (se tivesse), um feijão com toucinho cozido durante a noite no pouso, e preparava arroz com charque, “charque carreteiro que dizia”. Usava-se farinha, não como paçoca misturada ao charque. A paçoca não era comum entre os gaúchos e os paulistas. Era usada pelos paranaenses. “Farinha compra-se na estrada; compra-se muita coisa, galinha mandioca, pão”. (MELLO, 1992, p. 125).

Neste trecho do livro *Tropeiros*, ele nos mostra um depoimento de um dos peões da comitiva, sobre a alimentação. Segundo Trindade, “os tropeiros trabalhavam incansavelmente, percorriam cerca de 40 km por dia. Por consequência a base da alimentação era a gordura”. (TRINDADE, 1992, p 40). Os alimentos mais consumidos eram: Toucinho, paçoca de carne, quibebe, charque, carne de sol, arroz carreteiro entre outros. Durante a viagem a alimentação deveria ser feita de forma ligeira, e de maneira simples. Os processos deveriam ser realizados rapidamente, pois o tempo para os tropeiros era curto. Por consequência, o famoso feijão tropeiro, não era alimento consumido com muita frequência pelos tropeiros. O cozinheiro das tropas se adiantava a chegar no local de abrigo e já preparava a bóia²⁰. Já nas paradas eles obtinham uma alimentação mais variada, que continha diversos processos de preparação, como por exemplo: o arroz carreteiro, o cordeiro ensopado, a galinha ensopada, o feijão tropeiro, e o churrasco tradicional gaúcho, feito no fogo de chão e com espeto de pau. Tradição mantida até os dias atuais, e que é uma marca registrada do Rio Grande do Sul. A alimentação calórica era a maneira de dar força aos trabalhadores que exerciam trabalhos muito pesados e também era a culinária única que eles conheciam, fazia parte do dia a dia, e portando não foi alterada, permanecendo próxima da original até os dias atuais. Também é importante ressaltar que a alimentação faz parte de uma concepção política e social. Segundo Luz Carvalho:

O comer é, assim, uma ação concreta de incorporação tanto de alimentos como de seus significados, permeada por trocas simbólicas, envolvendo uma infinidade de

²⁰ Segundo o dicionário online, comida ou refeição que se leva para o trabalho; marmita

elementos e de associações capazes de expressar e consolidar a posição de um agente social em suas relações cotidianas (Carvalho; Luz, 2011, p.147).

A grande parcela da população de Bom Sucesso de Itararé trabalhava em área rural, plantavam para própria subsistência e alimentavam um mercado de troca de alimentos. A alimentação dos habitantes teve grande influência indígena, muitas raízes e tubérculos eram utilizadas, como a mandioca, o inhame e a batata. A alimentação dependia principalmente das colheitas que os produtores faziam, os trabalhadores tinham as técnicas de plantio, de colheita, como preparar o solo, como irrigar a terra. Influência direta dos índios que adquiriram essas habilidades há milênios, que foi passado aos caboclos e disseminados por todo o território brasileiro. As famílias que colhi depoimento atestam a veracidade da importância do agricultor para a formação do bairro, e para a formação da identidade, separei alguns depoimentos para serem expostos. O primeiro é de Joaquina Antunes²¹, 98 anos, ela diz:

Tinha criação de todo tipo, boi, galinha, porco, trabalhei na roça a vida toda, (...) com 85 anos ainda carpia²², (...) meu pai não tinha dinheiro para pagar nossos estudos, por isso nunca fui a escola, (...) sempre trabalhamos muito e desde cedo, plantávamos milho, feijão, verduras, de tudo um pouco. (...) Começamos a plantar tomate, e com o dinheiro construímos nossa casa. (OLIVEIRA, 2018)

O homem do campo, conquistou a sua vida, dedicando-se a terra, e pela terra construiu a sua história. Outra característica importante é a maneira com que esse alimento era preparado. O método era totalmente rudimentar. O utensílio doméstico mais popular no interior brasileiro, que já se tornou tradição em certas localidades, é o fogão a lenha. O fogão a lenha de barro, tradicional, era comum, faz lembrar das fogueiras improvisadas em um buraco de chão, onde os tropeiros podiam se aquecer e comer a sua refeição. O fogão a lenha é maior, consome muita lenha, porém, ainda é um utensílio muito usado nas cozinhas pelo interior do Brasil. A maneira de agradecer, de felicitar, de demonstrar afeto pelo vizinho, era oferecendo-lhe algo para comer, ou algum alimento. A história da alimentação é muito complexa para abordá-la em sua totalidade. Também, não é nosso objetivo. O alimento

²¹ Agricultora, nascida em 22 de julho de 1921, sua família foi uma das primeiras a constituir moradia no bairro gramadinho em Bom Sucesso de Itararé

²² Segundo o dicionário online: retirar o mato; capinar: carpir as plantas do terreno

sempre foi motivo para aproximação, tanto na hora do plantio, quanto na hora da colheita e principalmente, no preparo.

Segundo Trindade, “com o declínio da pecuária, e do tropeirismo, outras atividades econômicas começaram a emergir, a agricultura diversificada foi uma delas” (TRINDADE, 1992, p 45). Os descendentes dos tropeiros que ficaram vivendo nos antigos lugares de pouso, tiveram de se adequar a outra realidade. O trabalho com a terra foi uma maneira de recomeçar a vida. Atualmente os Campos Gerais do Paraná possuem uma influência muito grande na economia brasileira. O Agronegócio tomou conta da região, as áreas que serviram de pastagens para os animais no século passado, hoje estão tomadas por lavouras imensas de soja, milho e feijão. “Essa adequação é evidente no sertão do Vale do Itararé. Que antes, tinham cavalos e muares, agora, se tem, milho, feijão e soja”. (GLOBO RURAL,2017)

3.2 MÚSICAS E DANÇAS TÍPICAS

Outra manifestação importante para a região é a música. Os moradores se juntavam em “puxirões” para trabalharem na lavoura, geralmente se uniam com a finalidade de ajudar o vizinho a se preparar para o plantio, ou para a colheita. O mercado de trocas de alimentos e a lavoura coletiva foi muito desenvolvido nessa época. Segundo o morador do bairro dos Campos Joaquim Lopez:

“Os vizinhos são todos unidos, sempre que precisavam tinha um para ajudar, ninguém passava necessidade” (LOPEZ, 2018). Após o término dos trabalhos, os moradores se reuniam em “puxirão” e realizavam um grande baile em comemoração ao trabalho realizado na roça. Todos os moradores que colhi depoimento entram em consenso quanto ao teor do baile, o respeito e os costumes trazidos do sul prevaleciam, a música era o tradicional fandango gaúcho. O fandango ²³gaúcho é um dos estilos mais antigos existentes no Brasil, também é a mais típica representação do Rio Grande do Sul. Segundo Paixão Cortes, pesquisador folclorista, músico e compositor, que ao longo dos anos buscou incentivar as tradições gaúchas, “O ritmo se origina da dança espanhola, dança de par solto. A tradição do bailado espanhol foi o primeiro ciclo de formação das danças populares brasileiras. As danças tradicionalistas gaúchas são legítimas expressões da alma gauchesca”. (CORTES, 1997)

Na cidade referida, podemos vislumbrar a cultura gaúcha incorporada com a cultura do sertanejo. Os bailes puxirões dispunham de muito fandango, vaneira, vaneirão, xote e

²³ Segundo o dicionário online: Dança ou baile de ritmo popular muito alegre e barulhento.

rancheira. Estilos provenientes da dança gaúcha. Segundo Trindade “Muitos traços da cultura campeira permaneciam entre os tropeiros do eixo Rio Grande – São Paulo” (TRINDADE, 1992, p 67) Porém, as tradições não permaneceram as mesmas que eram na época que foram trazidas do Rio Grande do Sul. Cada região em que essa cultura transitou adquiriu uma simbologia própria. Entretanto, para ele, essa cultura foi se perdendo com o passar do tempo. Em meados do século XX as influências gaúchas foram ficando menos acentuada, ele usa como exemplo a roupa usada pelos tropeiros, que consistia basicamente em bota, chapéu, bombacha²⁴ e pilcha²⁵. As roupas foram se adequando ao lugar e a atividade que eles realizavam. Como os ex-tropeiros se adequaram a região e ao trabalho agrícola, a indumentária gaúcha já não servia. Porém, nos salões de baile ainda se preserva a maneira de se vestir do peão²⁶. Porém, essa roupa recebeu uma ressignificação. Ela é usada até os dias atuais, nos festivais de música e dança gaúcha.

Segundo Paixão Côrtes, a primeira dança regional gaúcha que colheram em suas pesquisas veio da Vila de Palmares (atual município de Osório-RS). As danças, inicialmente, apenas integravam as festas regionais do Rio Grande do Sul e hoje são divulgadas e praticadas por diversos estados como a mais bela manifestação do folclore gaúcho. Tamanho é o seu alcance que existem CTGs espalhados por 23 estados brasileiros além dos Estados Unidos, Paraguai e Portugal. (CORTES. Paixão, 1997).

A dança tradicional possui suas singularidades, a expressão da alma do gaúcho é revelada por meio de um cerimonial, a fidalguia²⁷ e o respeito pela mulher, virtude importante para poder exercer a função de caracterizar o campeirismo rio-grandense. Assim que o trabalho acabava a população se reunia e limpava o salão de festas que ficava na área rural. Após a limpeza, reuniam os gaiteiros que iriam revezar a condução das músicas e os ritmos escolhidos. Entre esses ritmos os mais famosos eram a vaneira, o vaneirão, o xote, e a rancheira

São estilos de dança soltas, não precisam realizar passos sequenciados em uma coreografia pré-determinada, como por exemplo, outras danças tradicionais, como a Anú, Caranguejo, Balaio, rancheira puladinha entre outros. Na cidade referenciada, as danças coreografadas não são realizadas. “Tinha bastante baile puxirão de roça, amanhecia o bailão, sanfoneiro para mais de metro. Quando me casei, pulava a janela para ir ao baile. Quando era

²⁴ *Op. Cit.*: Tipo de calça masculina que, folgada nas pernas e abotoada na altura.

²⁵ *Op. Ci.*: Adorno, jóia (termo regional gaúcho)

²⁶ Significa homem, pela linguagem tradicionalista, o homem gaúcho é denominado peão ²⁷ Segundo o dicionário online: Nobreza, Generosidade

solteiro ia a cavalo, depois ia de caminhão” (LOPES, 2018). A dança é a representação genuína da cultura sulista que veio trazida pelos tropeiros até nossa região. Podemos falar também em um contexto mais geral. O Brasil possui inúmeros CTGs (Centro de tradições gaúchas) distribuídos por vários estados brasileiros. Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo, são alguns dos Estados que possui um, ou mais Centro de Tradições Gaúchas. Nesses CTGs, até os dias de hoje, a vestimenta permanece a mesma. Respeitando o tradicionalismo de séculos atrás

As danças e as músicas foram incorporadas, mas não em total sincronia com o berço gaúcho. As danças mais tradicionais, com a coreografia sincronizada foram deixadas de lado. O fandango, que é uma dança solta e alegre toma conta dos bailes que se tem conhecimento. Os vários CTGs espalhados pelos Campos Gerais e pelo Brasil, são sinônimos de um passado não esquecido. Pelo contrário. Um passado digno de ser recordado em cada passo. A imagem a seguir mostra a roupa característica dos dançadores tradicionalistas atualmente.

Fotografia 4: Dançador de xote e sua prenda



Fonte: Dançador de xote e sua prenda - autor desconhecido

Nessa imagem podemos observar dois dançarinos com a roupa tradicional gaúcha. Essa característica é muito importante para o dançarino pois remete a suas origens. Desta maneira a cultura gaúcha continuará existindo.

Outro movimento musical que ganha um lugar de destaque é a música caipira. Essa consegue retratar o caboclo, se inserindo em uma visão de sertanejo, aquele que luta diariamente para ter o que comer, que convive com a pobreza e a solidão. A visão romântica do sofrimento é enfatizada nessas canções, as letras retratam a felicidade e o sofrimento, retratado muitas vezes pela tragédia. A compreensão dessas letras pode ser um mecanismo para se ensinar sobre o sertanejo e sobre a realidade. Como a música gaúcha pode ser usada para afirmar uma ligação entre os paulistas e os gaúchos. A música tem esse poder de elencar relações e situações da nossa vida. As composições mais famosas desse estilo “raiz” retratam a tragédia, como por exemplo: *O menino da porteira*, *Chico Mineiro*, *Coração de luto*, *Sonho de um caminhoneiro*, entre outras. O sertanejo raiz remete a uma realidade que pretende entreter e tentar desviar o olhar das mazelas da sociedade, principalmente aquelas que esse povo passava no momento. Ou seja, ela reflete a realidade vivida, em muitos casos, apenas

tragédia e solidão. Apesar de todos os movimentos vanguardistas do sertanejo, o estilo raiz, ainda se mantém como um estilo muito popular e recorrente no interior do sudoeste e do centro oeste brasileiro. As modas de viola e os fandangos de galpão embora muito diferentes possui singularidades que conseguem envolver pessoas até os dias atuais.

3.3 FESTAS TRADICIONAIS

O catolicismo está muito atrelado a cultura popular brasileira. Com os tropeiros não seria diferente. A fé era um alento, uma esperança. Segundo Benedita de Almeida Santos “Guilherme da Costa e Silva, trouxe uma medalha de São João Batista para a capela que ele cuidava no Bairro Terra Boa” (SANTOS,2015).

O povo de Bom Sucesso possuía três santos padroeiros: Santo Antônio, São João Batista e Santa Cruz. Todos os anos eram realizados festas em homenagens aos santos. A novena e as festas eram feitas nos sítios dos fiéis. Segundo Vitório Rodrigues do Santos “os habitantes acabaram doando terras para a igreja. José Jacinto de Almeida, doou para Santa Cruz, Antônio Pereira de Macedo doou para São João Batista, e José Henrique Brizola doou para Santo Antônio” (SANTOS, 1995). As festas chegavam a durar dias, incansáveis. A festa de São João Batista era a maior, juntava um grande contingente de pessoas, logo, foi escolhido como o padroeiro da cidade. A doação de Guilherme para a pequena capela se tornou tradição. Segundo a moradora Juliana Marques dos Santos, 72 anos:

A novena era realizada, muitas pessoas ajudavam. Na festa de São João Batista eu vinha desde meus 10 anos, padre só tinha uma vez por ano (...) Bom Sucesso não possuía igreja, era uma capelinha de madeira, a bisã Dita, mantinha tudo limpo, ao lado da capela tinha o cemitério dos anjinhos (...) Todo domingo tinha terço as duas horas da tarde, era um gosto participar, eu ia a cavalo (...) fazíamos vela com cera de abelha, todo mundo fazia, era só chegar em época de festa que todo mundo fazia, fazíamos flor com o papel que a bisã Dita comprava, (SANTOS, 2019)

A pequena medalha é usada até os dias de hoje. A comemoração começa uma semana antes da festa do padroeiro. Todos os dias tem a realização de cerimônias religiosas, após, inicia-se a quermesse com várias comidas típicas. Logo após inicia-se o baile gaúcho, uma banda de fandango sobe ao palco e a população se arruma no pátio. O baile vai até três horas da manhã. Nesse horário os homens buscam o andor de São João Batista, adornado com flores um dia antes. Levam-no em procissão até o leito do rio, onde em uma atitude simbólica, uma pessoa “lava” a cabeça dos fiéis com a medalha do santo, como João Batista fez há mais de

2.000 anos no Rio Jordão. O momento simbólico é emocionante, entoado por vários hinos em homenagem ao santo. O mais conhecido é o hino *Viva João Batista*, de autoria desconhecida:

Um dia na Galileia, um homem chamado João, falava com ternura, de amor aos seus irmãos, Viva João Batista, Viva o precursor, porque João Batista, anunciava o salvador (...) Nas margens do Rio Jordão, João batizava o povo, dizendo que Deus viria Instaurar um reino novo (Letras litúrgicas, 2018)

Após o ato simbólico de batismo, toda a comunidade se dirigia a igreja, onde o café e o pão já estavam sendo servidos. Assim, termina as festividades do padroeiro da cidade. A maior festa religiosa popular do município. Manifestações religiosas sempre estiveram presentes na cidade apresentada. Até os dias atuais impõe influência.

3. 4 VARIAÇÃO LINGUISTICA REGIONAL DO VALE DO ITARARÉ

Em meio a diversas manifestações culturais apresentadas, a mais evidente é a variação linguística da região de Itararé. Como a região foi caminho de tropas, onde diversos comerciantes paulistas realizavam suas vendas e negócios, e muitos tropeiros e peões oriundos do Sul passavam temporadas, foi um lugar propício para essa diversificação do modo de falar. Podemos analisar o “palavreado” gaúcho, que sofreu grandes modificações em solo paulista. A palavra mais característica do dicionário gaúcho é o “tchê”.

Tchê é uma palavra oriunda do Rio Grande do Sul, que pode significar uma afirmação, ou uma saudação. Quando os tropeiros criaram o corredor cultural, trouxeram sua língua conjuntamente as mulas. Porém, no Vale do Itararé ocorreu um processo chamado variação linguística.²⁷ O “tchê” foi modificado até chegar ao “Xé” que obtêm o mesmo significado. Essa palavra é a mais singular encontrada, pois só é falada nessa região específica. Como é pouco conhecida, podemos afirmar que não há grandes estudo sobre tal expressão.

Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações.[...] Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção.(CUNHA, 1984)

²⁷ É o modo pelo qual a língua se diferencia dentro do seu próprio sistema. Esta diferença pode ser histórica, geográfica ou sociocultural.

Essas expressões não constituem erro, e sim diferença, o Brasil é um país grandioso, que possui povos distintos. Nossa região teve grande influência gaúcha. Podemos analisar que a língua se difere, criando seu próprio mecanismo de sociabilização. Na cidade referida, há também uma intensa influência indígena. Os nomes da maioria das cidades são em língua tupi-guarani, como por exemplo Itararé, que significa "Pedra escavada pelas águas", ou Itapeva que significa: "pedra chata".

Não são as únicas cidades com a palavra ita, que significa pedra. Itaberá, Itapetininga, Itaboa, Itaí, Itapirapuã, são outros municípios que apresentam essa palavra característica dos povos originais. José Maria da Silva é um historiador Itarareense, que escreveu uma enciclopédia composta somente por gírias e variações da região. O dicionário caipira demorou quinze anos para ser montado. Hoje em dia é um patrimônio dos cidadãos Itarareenses e de toda comunidade regional. Algumas das palavras mais características que esse lugar possui é o "xé" o xé simplesmente é a variação do termo tchê oriundo do Rio Grande do Sul, tendo assim, o mesmo significado. Outras expressões importantes estão intimamente ligadas ao tropeirismo, como: "azedou a boca da égua", ou "boca de gamela". Que fazem alusão as mulas, sendo assim termos pejorativos.

Outras palavras desse vocabulário Itarareense são:

- Trupicar: É o mesmo que tropeçar
- Reganhera: Estado letárgico que geralmente ocorre logo após o almoço, moleza,
- Revertério: Define estar passando mal.
- Sair vazado: Atitude de todo bundão que apronta alguma e depois dá cagada.
- Pior que é.: É isso mesmo, concordar plenamente.
- Póde erguê: Não vou fazer, nem pensar de jeito nenhum.
- Pönhá: Termo muito usado para expressar "colocar" alguma coisa alí ou aquí.
- Posá: Dormir em algum lugar.
- Oreia Seca: Utilizado para designar uma pessoa ignorante
- Lagartear: Não fazer nada, ficar parado como um lagarto no sol ☐Capote: Cair, escorregar, tombo, queda.
- Pinchar: Jogar fora
- Bardea: Levar, mudar de lugar
- Piá: Guri, menino
- Guri: menino, piá
- Tá brusqueando: Tá fechando o tempo, vai chover
- Bóia: comida
- De fianco: entrou por um fio, passou raspando
- Boca de gamela: Pessoa que fala muito
- Encarangado: pessoa com muito frio

Fonte: SANTA ITARARÉ DAS LETRAS, *Dicionário Itarareense*, 2010

Percebemos na linguagem de um povo as suas origens, a sua identidade. Bom Sucesso de Itararé pertence a macro-região de Itapetininga. Mas se tratando de uma abordagem mais

atropológica percebemos as divergências e contradições com a mesma. Cada região dos Campos Gerais teve um desenvolvimento distinto após o fim do tropeirismo como atividade econômica. Algumas regiões receberam imigrantes, o que ocasionou em uma nova variante linguística e uma nova aculturação. Não existe uma cultura pura. E não existe um método que faça com que ela dure para sempre. Tudo está em constante mudança. Não seria diferente com a linguagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As particularidades de cada região são desconsideradas quando o assunto é economia ou política, favorecendo assim a criação de estereótipos, limitando as potencialidades que aquela região pode adquirir ao longo de seu desenvolvimento. Os aspectos culturais que definem uma cidade nunca vão se igualar totalmente a macro-região ou em aspectos gerais, o próprio Estado. A história participa como a ciência dos homens, que vai esclarecer todos os pré-conceitos em torno da produção cultural de uma região pouco explorada e desenvolvida, que certamente tem potencial para ser um polo cultural que pode abranger educação e cidadania. Expondo para a população em geral a importância de conhecer a própria História para ter a consciência do futuro.

Podemos perceber ao longo desse trabalho que o tropeiro foi importante ator social que auxiliou para a formação do Brasil como conhecemos hoje. Entretanto, observamos que sua cultura, se espalhou pelo país, se modificou, e se adequou a realidade dos estados e cidades por onde passou. Ele não desapareceu; somente se alterou. Não de um modo consciente, com o objetivo de suplanta-lo, entretanto sucedeu como um processo natural. O imaginário do “herói” tropeiro, tomou diversas formas. Inconscientemente a população conserva os costumes e crenças, tradições orais e as manifestações artísticas. Podemos observar pelas músicas, pela dança, pelo chimarrão. O imaginário do tropeiro sempre estará presente. As manifestações apresentadas acima, tem o objetivo de alçar essa cultura cabocla, que sofreu diversas alterações, que ocasionaram nessa miscigenação. A essência dessa cultura não se findou, pelo contrário, permanece viva em cada morador, descendente de gaúchos, que nasceu nessa terra relembrando as memórias de infância, dos “causos” que os pais contavam da terra natal.

Atualmente são realizadas todos os anos, cavalgadas ou tropeadas. Itararé, conhecida nacionalmente como rota de tropeiros realiza todos os anos uma cavalgada simbólica até a cidade de Sorocaba – SP, que era onde se vendiam as tropas até meados do século XX. No intuito de preservar essa memória. Incontestavelmente ele não é o “herói esquecido” que Goulart define. Socialmente ele permanece vivo e cultuado em cada exibição que realizamos acima. Portanto, é importante a utilização da oralidade, pois se consegue ter a visão de diversos protagonistas e testemunhas sobre diversos fatos do cotidiano. A pesquisa acadêmica tem por objetivo auxiliar na formação da população em geral. Este tem a finalidade de elencar uma comunidade específica, que não possui, nem nunca possuiu historiografia acadêmica.

Acredito que essa pesquisa estimule a preservação do sentimento de identidade e irmandade que o referido lugar possui. Especificando as particularidades e dando-lhes significado.

Sendo assim, podemos desmistificar certas analogias que são feitas em torno de uma região ou um Estado específico. Como analisamos acima, as variâncias linguísticas do Vale do Itararé possuem influência direta dos Campos Gerais do Paraná. Embora pertençam ao Estado de São Paulo. Porém, não podemos nos deter a imaginar que as manifestações culturais de Itararé e de Bom Sucesso de Itararé são idênticas. Ambas retratam em sua história a chegada dos tropeiros, juntamente com a ascensão de uma economia agrícola, porém, a realidade das condições de vida, também vão diferencia-las.

O nosso objetivo era conceituar o tropeiro e demonstrar sua presença na sociedade através de sua cultura. Acredito que essa pesquisa deve continuar, pois ainda faltam elementos que conceituariam de uma forma mais direta a cultura cabocla nessa região. Como por exemplo as cavalgadas. Como o nome já diz, é uma atividade de lazer que remonta os tempos das tropeadas. No caso da cidade referida encontrei algumas barreiras para a realização desta pesquisa, pois já não haviam muitos indivíduos possíveis para a coleta de depoimento. Este é o problema maior da história oral, pois existem variantes para a realização da pesquisa. Em um determinado momento você possui o entrevistado, noutra momento não tem mais.

O processo de realização da pesquisa foi intenso, desde a escolha das obras bibliográficas até o início das entrevistas. Cada indivíduo me recebendo em sua casa, manifestando suas experiências, deixando que gravasse sua história, em um ato maior de confiança. É extremamente gratificante essa relação com a sociedade. A maioria dos depoentes são pessoas simples, que não puderam completar os estudos mas, que enxergam na educação a única forma de conquistar uma vida mais digna.

Como futuros educadores devemos ter essa consciência de que cada aluno, cada indivíduo tem sua história de vida moldada em acontecimentos passados, e que isso permeia sua vida e será levado para aos seus herdeiros. O entendimento das concepções de seus antecessores nos leva a conhecer as futuras gerações e isso é incrível. Os tropeiros foram responsáveis pela transportação dessa cultura até a região. Porém, a permanência dessas manifestações foi única e exclusiva dos habitantes. Um povo sem conhecimento de seu passado é como uma árvore sem raízes. Portanto por meio desses depoimentos, concedo essa contribuição para a historiografia local e para todos os habitantes envolvidos diretamente.

Serão eternizados por meio de suas palavras, seus causos e suas prosas, que tanto me auxiliaram a entender nosso passado grandioso.

5- REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALGATÃO, Felipe Cordeiro, *o tropeiro como propagador cultural e mola mestra da cultura cafeeira no século XIX*, *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, 2010

ALBERTI, Verena, *O que documenta fonte oral ? Possibilidades para além da construção do passado*, CPDOC-FGV. 1996

_____, *Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC*, CPDOCFGV, 2005

CAVALCANTI, Maria Helena Pereira. *Uma história de Cabedelo*, Universidade Federal da Paraíba, 1996

CÔRTEZ, João Carlos D'ávila Paixão. *Origem da Semana Farroupilha e Primórdios do Movimento Tradicionalista*. Porto Alegre: Evangraf, 1994.

CORTESÃO, Jaime (Org.) **Jesuítas e bandeirantes no Guairá**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

DUBAR. Claude, *Para uma teoria sociológica da identidade*. Em A socialização. Porto: Porto Editora. 1997

FIDELIS, Dalcin Barbosa, *Nova história de Lagoa Vermelha*, Escola superior tecnológica do Rio Grande do Sul, 1981

GOULART. José Alípio. *Tropas e tropeiros na formação do Brasil*. Editora Conquista, Rio de Janeiro 1961.

LUZ, Madel, *Simbolismo sobre "natural" na alimentação*, Programa de pós graduação em nutrição social – UERJ. 2011

MELLO. Haydée Santos Galvão. *Imagens da memória – (1922 a 2002) – Os campos de São Pedro à sudoeste paulista na divisa do Rio Itararé*”. Impresso nas oficinas de tipografia Itararé Ltda – Jornal “Tribuna de Itararé.1998

PORTELLI, Alessandro, *História oral como gênero* Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 200

POLLAK, Michael, “Memória e identidade social”, Estudos Históricos. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, 1992

PAIXÃO, Cortez, LESSA, Barbosa. *Manual de danças gaúchas*. São Paulo, 1997

MOZONI. Adimilson Aparecido. *As influências cabocla, tropeira e indígena na formação do Bairro Palmitalzinho em Apiaí*. Campinas, 2012

PINHEIRO, Niminon Sizel. *Os nômades: etnohistória Kaingang e seu contexto*, São Paulo Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 1992.

SCHADEN, Egon. *Os primitivos habitantes do território paulista*. São Paulo, Revista de História do departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1954

SCHIMITD, Carlos Borges. *Tropas e tropeiros*, boletim paulista de Geografia, 2017

TRINDADE. Jaelson Bitran. *Tropeiros*. Editora Publicações e Comunicações, São Paulo 1992.

RIBEIRO, José Hamilton. *Os tropeiros – Diário da Marcha*, Editora Globo, 2006

ACERVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, *Documentos Interessantes para a história e costumes de São Paulo*, Vol II, 1913, disponível em

<<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6945>> Acesso em 15 de abril de 2019

ALBERTI, Verena, *O que documenta fonte oral ?, Possibilidades para além da construção do passado*, Rio de Janeiro, 1996, Disponível em <

https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/869.pdf> Acesso em 25 de maio de 2019

CHIOVITTI, Nanci Marti. *Discursos do Progresso: Sorocaba e o fim das Feiras de Muares (1850-1900)*. 2003. 177f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em:

<<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280175>>. Acesso em: 2 ago. 2018.

JÚNIOR. Alfredo Elis, *o ciclo do luar*, São Paulo, 1950 Disponível em

<<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/34820/37558>> Acesso em: 12 de abril de 2019

6. ANEXOS

UNIVERSIDADE CATÓLICA NDE PETRÓPOLIS
CENTRO DE TEOLOGIA E HUMANIDADES
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

DEPOIMENTO SOBRE O SURGIMENTO DA CIDADE DE BOM SUCESSO DE
ITARARÉ POR BENEDITA ALMEIDA SANTOS

DATA DA ENTREVISTA: 25|09|2015

Benedita Almeida Santos hoje está com 93 anos e se lembra como esse pedaço de Terra se transformou em cidade. Seu pai José Bonifácio veio com 17 anos do Rio Grande do Sul, junto a uma comitiva. Eles passaram um tempo em Itapetininga e depois vieram para cá. Vindo de família pobre e humilde, a caravana dele veio fazer posse de terras em Bom Sucesso, cada um com uma quantia. Onde se situa a cidade agora era uma floresta de araucárias. Meu pai José Bonifácio chegou nesse lugar com 16 anos, junto com o pai dele, Francisco Almeida Campos, não tinha nada aqui, Bom Sucesso era sertão. Ao chegar aqui ele logo começou a trabalhar na roça, casou-se com Maria Antônia Ferraz e com ela teve muitos filhos. Bom Sucesso era sertão, as famílias chegavam e iam se apossando, fazendo sua casinha de sapé, sua lavoura. Nesse período Bom Sucesso era bairro pertencente a Apiaí. Benedita nasceu em 4 de abril de 1922, passou a infância e juventude em Bom Sucesso, com 15 anos já lavava roupas para ajudar na casa, nesse período seu pai foi ajudar a construir a estrada que liga Itararé a Bom Sucesso. Essa estrada foi aberta quebrando muitas pedras, um trabalho braçal que só contava com cavalos e homens. Nesse mesmo período uma serraria veio interessada na madeira e no cal, e se chamava Serraria Junqueira Mello. Nesse período foi feita a medição da antiga Fazenda Bom Sucesso, todas as fazendas no pé da serra foram medidas, essa serraria ajudou a terminar a estrada, e começou a desenvolver o bairro. Aqui em Bom Sucesso o trabalho era nas plantações, muitos moradores se admiravam com a serraria que era coisa nova, eles largavam da roça e ficavam por horas observando o trabalho madeireiro. Nesse período o primeiro forno para extração da cal foi feito. José Jacinto de Almeida era seu tio e foi um dos pioneiros da caça no bairro, ele dizia que aqui a caçada fora um sucesso (por isso Bom Sucesso), muitas pessoas da região vinham aqui para caçar.

Antigamente não tinha escola então alguns pais pagaram uma professora vinda de Boituva para dar aulas para as crianças seu nome era Silvina, ela vivia em Bom Sucesso com seus irmãos. Anos depois ela foi homenageada pois seu nome foi dado a escola municipal da cidade.

crianças seu nome era Silvína, ela vivia em Bom Sucesso com seus irmãos. Anos depois ela foi homenageada pois seu nome foi dado a escola municipal da cidade.

A Família Campos, Almeida, Rodrigues e Teixeira foram as primeiras famílias de Bom Sucesso e abriram espaço para outras se formarem. Guilherme da Costa Silva, também vindo do Rio Grande do Sul, era muito devoto de São João Batista, ele construiu uma capelinha e trouxe com ele uma medalha de São João que até hoje é usada nas festas de nossa cidade.

A cidade teve grande influência das pessoas que vieram do Rio Grande do Sul, o comércio de animais foi uma delas, o povo de Bom Sucesso fazia criação de animais para vender, principalmente porco, levavam vários pelo pé da serra para serem vendidos na cidade grande. As viagens chegavam a demorar de duas semanas a dois meses, alguns tropeiros chegavam a ficar doentes com a mudança do clima, e por fim muitos homens morriam, pois era era muito perigoso.

ASSINATURA DA ENTREVISTADA:

Benedicta de Almeida Santos

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS
CENTRO DE TEOLOGIA E HUMANIDADES
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Data do depoimento: 21 de julho de 2018

Depoimento colhido da moradora Joaquina Antunes de Oliveira

Data de nascimento: 22 de junho de 1921 Idade: 97

Onde nasceu: Bairro Gramadinho

Nome do pai: Aparício Antunes de Cordeiro

Nome da mãe: Quintina Rodrigues Coleta

Dona Joaquina, conte-me sobre a sua infância e sua vida

Vivi a vida inteira aqui. Foi uma pobreza, não tinha roupa para vestir, café para beber. Tive três irmãos. A última irmã a nascer foi Julica, justamente na época da Revolução de 1932. As memórias da Revolução são muitas. Cinco homens, desertores de guerra vindos de Itararé se esconderam aqui em Bom Sucesso. Precisamente no "bicudo" (correspondente atualmente ao bairro Itapirapuázinho). Daqui de casa, escutávamos os estrondos vindos da Barreira.

Casei-me com Lourival Martins de Almeida. Tive oito filhos, hoje sou considerada a mãe do gramadinho. O trabalho era na roça, plantávamos milho, feijão, plantávamos verduras, de tudo um pouco. Criávamos porco, gado, galinha. Com o dinheiro da lavoura de tomate, construímos nossa casa atual, até os 86 anos ainda carpia. Meu pai não tinha dinheiro para pagar nossos estudos, (o professor era pago pelas famílias, vinha de fora). Não tive condições de estudar.

Assinatura da entrevistada:

Joaquina Antunes de Oliveira

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS
CENTRO DE TEOLOGIA E HUMANIDADES
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Data do depoimento: 19 de julho de 2018

Depoimento colhido da moradora Juliana Marques do Santos

Data de nascimento: 06 de janeiro de 1946 Idade: 73 anos

Onde nasceu: Bairro Itambé

Nome do pai: Leopoldo Marques Rodrigues

Nome da mãe: Elisa Maria de Almeida

Sai do bairro Itambé muito criança, morava em casa de madeira de chão batido. Meus pais e irmãos trabalhavam na lavoura, plantavam de tudo. Fui pra escola com 10 anos na fazenda Morungava, bairro dos Campos onde estudei até 4ª série. Depois que me casei, fiz até 7ª série. Em Bom Sucesso ajudava seu Vitório Rodrigues e dona Benedita tirar leite e em outros serviços como lavoura e construção de cercas. Como nossa família era muito carente esse casal nos ajudou muito. Até doaram um terreno para construção de nossa casa. Também ajudei dona Benedita com os idosos e crianças doentes da comunidade, fazendo remédios para vermes e piolhos. Casei-me com 27 anos. Nesse tempo o bairro tinha no máximo umas 40 casas. Acompanhei as festividades de São João Batista desde os 10 anos de idade. Naquele tempo o padre vinha de Apiaí celebrar uma vez por ano em nossa comunidade, que até então, não tinha igreja e sim uma capelinha de madeira perto de um cemitério de anjinhos. Esse padre Monsenhor Oscar ainda é vivo e mora em Apiaí. Tive 7 filhos, destes 2 eram adotivos. Sempre ajudei minha comunidade, principalmente os mais carentes e até hoje contribuo com os serviços da igreja.

Assinatura da entrevistada:



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS
CENTRO DE TEOLOGIA E HUMANIDADES
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Data do depoimento: 21 de julho de 2018

Depoimento colhido do morador Joaquim Barbosa Lopes

Data de nascimento: 11 de abril de 1935 Idade: 84

Onde nasceu: Bairro Pocinho

Nome do pai: Teodoro Procópio Lopes

Nome da mãe: Sinforosa Maria Barbosa

Não me lembro muito da minha infância, mas sou um dos moradores mais antigos do Bairro dos Campos que pertence a Bom Sucesso de Itararé. Sei escrever meu nome. Trabalhei na roça a vida toda e ainda trabalho. Perdi um dos olhos aos 30 anos quando um galho pulou no meu olho. Fui criado com 11 irmãos todos no mesmo trabalho de lavoura. Casei em 1957 com Davina Dias Lopes. Tivemos 7 filhos. Um deles era adotivo. Minha irmã Aparecida faleceu após o parto e deu o filho para minha esposa criar. Para sobreviver nossa família criava porco, vaca, galinha, cabrito e plantava milho, feijão e verduras em geral. Em minha casa é celebrada todo ano a reza de São Benedito. Meu falecido avô Vitalino passou de geração em geração. Acontece o terço, erguem o mastro e depois tem muita comida para os presentes. Essa reza tem mais de 100 anos. Quando um vizinho precisava de ajuda para plantio ou colheita, os moradores se reuniam em puxirões(trabalho coletivo) e ao final do dia comemoravam o término dos trabalhos com um grande baile gaúcho animado por um sanfoneiro. Baile esse onde o respeito prevalecia. Minha mãe era parteira. Ele tem uma caderneta onde estão anotados mais de 360 partos. Inclusive minha mãe fez o parto da senhora Abigail Sene de Souza, bisavó dessa moça chamada Beatriz de Fátima que me entrevista nesse momento.

Assinatura do entrevistado:

Joaquim Barbosa Lopes